

**PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS**

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
**PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL**

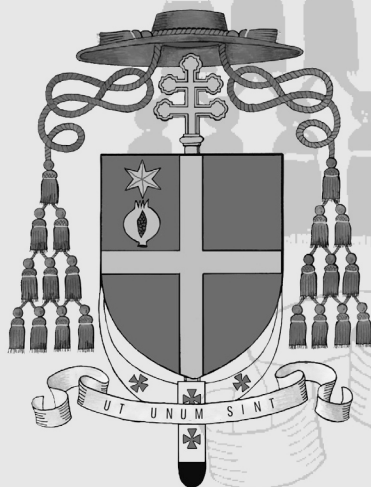
AUTORIZAÇÃO DE 06332006ATO/RSC

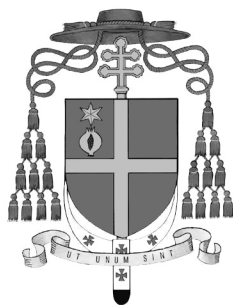


TAXA PAGA
PORTUGAL
MAXIMINOS-BRAGA

ação católica

ÓRGÃO OFICIAL DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA





ação católica

ÓRGÃO
OFICIAL
DA ARQUIDIOCESE
DE BRAGA

Director

P. Domingos da Silva Araújo

Proprietária e Editora

Arquidiocese de Braga
NIPC 500 793 018

Redação

Casa Sacerdotal
Rua de S. Domingos, 109
4710-435 Braga
Telef. 253 205 200
914 574 913

E-mail: silvaaraujo@diocese-braga.pt

Administração

Serviços Centrais da Arquidiocese de Braga
Rua de S. Domingos, 94 B
4710-435 Braga
Telefone 253 203 180
Fax 253 203 190

Preço

Assinatura anual 25,00 €
Número avulso 5,00 €

Composição e impressão

Empresa do Diário do Minho
Limitada
Rua de Santa Margarida, 4
4710-306 Braga

Tiragem

770 exemplares

Depósito Legal

N.º 1712/83

Número de inscrição no ICS:

100 305

SUMÁRIO

Apresentação 677

1. TEMA DO MÊS

Misericórdia de Deus
e misericórdia dos homens 681

2. IGREJA DIOCESANA

1 – Dos nossos Pastores
Amar incondicionalmente a vida 691
Misericórdia para com
as fraquezas e injúrias 695
Estranha forma de vida 697
Raiz e asas para um mundo melhor 700
O tesouro escondido da Fé 703
O serviço audaz da palavra 707
Mons. Araújo Costa 709
Com um espírito evangelizador 714
Evangelizar, hoje, na Arquidiocese 718
Atividades pastorais:
maio/2015

D. Jorge 721

D. Francisco Senra 723

2 – Serviços Centrais
Procissão do Corpo de Deus 726
Comissão Administrativa 728
Decretos de aprovação de estatutos 729
Provisões a corpos gerentes 730
Plataforma de emails 734

continuação do índice no verso da contra-capá

Aiores

Apresentação

Apresentação

Para Tema do Mês escolhemos um trabalho sobre Misericórdia de Deus e Misericórdia dos Homens.

Publicamos, do senhor D. Jorge Ortiga, homilias proferidas na Missa celebrada na igreja de Moimenta, Terras de Bouro, a propósito da inauguração do Centro Social; na bênção das pastas dos finalistas da Universidade do Minho e do Núcleo de Braga da Universidade Católica; no dia arquidiocesano da família; nas peregrinações aos santuários da Senhora da Guia e da Senhora do Pilar; na Vigília de Pentecostes; no aniversário da morte de D. Eurico Nogueira e no centenário do nascimento de Mons. António Araújo Costa. Publicamos também um discurso proferido em Barcelos, no fim da Procissão da Invenção da Santa Cruz.

Publicamos do Papa Francisco diversas catequeses sobre o matrimónio e a família e a mensagem para o Dia Mundial das Missões.

Publicamos também o calendário do jubileu da misericórdia.

Recordamos Mons. António Araújo Costa, de quem passou o centenário do nascimento; o P. António Pereira da Silva, falecido há 30 anos; o P. José da Costa Soares da Mota, há meses falecido.

O Diretor

1.

Tema do Mês

Misericórdia de Deus e misericórdia dos homens

Por Silva Araújo

*Iniciamos hoje a publicação de um trabalho de
Silva Araújo sobre a Misericórdia de Deus e a
Misericórdia dos Homens.*

Jesus veio dizer-nos quem Deus é. Ele é a revelação do Pai: Filipe, «quem me vê, vê o Pai».¹ E o Pai que Jesus nos deu a conhecer tem como principal atributo a misericórdia, como se conclui da parábola do pai misericordioso, tradicionalmente denominada como parábola do filho pródigo.²

Jesus revelou-nos um Deus extremamente misericordioso e compassivo.

O mesmo Jesus nos deu testemunho disso, com factos e com palavras.

E como o Pai e o Filho, também nós, os homens, somos chamados a ser misericordiosos: «sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso».³

¹ JOÃO 14, 9.

² LUCAS 15, 11-32.

³ LUCAS 6, 36.

I Misericórdia

De origem latina, o vocábulo misericórdia significa coração sensível à miséria, à infelicidade. Diz respeito a um coração que se compadece (que sofre com).

Designa o sentimento de compaixão, suscitado pela infelicidade ou desgraça alheia.⁴ Significa uma virtude que leva a pessoa a compadecer-se da desgraça e miséria dos outros.

Pode tomar-se como sinónimo de caridade, de piedade, de compaixão.

Podemos defini-la como uma disposição para aliviar o que sofre ou um sentimento compassivo para com o próximo.

Etimologicamente significa coração sofredor.

Pode ter a sua origem em *miseri* (miséria, sofrimento), e *cordis* (coração). Coração sensível à miséria.

Também há quem a decomponha em três palavras *miseri*+*cor*+*dare*, dar o coração ao necessitado, isto é, ter lugar no coração para todas as vítimas de qualquer forma de miséria. Dar o coração aos pobres.⁵

Para Santo Agostinho, é a «compaixão do nosso coração para com a miséria alheia, que nos impele a socorrê-la, se pudermos».⁶

«Na sua própria carne, Jesus chegou a experimentar que Deus não é, antes de tudo, temor, mas amor. Não é, primordialmente, justiça, mas misericórdia. E nem é sequer, sobretudo, Majestade, Excelência, Santidade, mas perdão, cuidado, proximidade, ternura, solicitude... Por isso é preciso chamá-l'O com outros nomes. Daqui em diante não mais se chamará Javé, mas Pai, porque tem o que tem e faz o que faz um pai ideal deste mundo: está sempre perto, compreende, perdoa, preocupa-se, protege, estimula».(LARRAÑAGA, Ignacio, *O Pobre de Nazaré*. 2.^a ed. Paulinas, p. 37.

⁴ Academia das Ciências de Lisboa, Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Editorial Verbo. Lisboa, 2001).

⁵ Uma das possíveis origens etimológicas da palavra Misericórdia é “Misere cuore”, colocar o coração nas misérias. As misérias humanas são múltiplas formas de indigência material e espiritual, opressão injusta, doenças físicas e psíquicas. Tudo sinais da fragilidade humana a necessitar de salvação. (D. Jorge Ortiga, Homília na igreja da Santa Casa da Misericórdia de Braga, em 22 de fevereiro de 2013).

⁶ TRIGO, Jerónimo, *Enciclopédia Verbo*, Edição Século XXI, ano 2011, vol. 20, pag. 7-12.

Misericórdia, escreve Manuel Morujão, é capacidade de atenção e de ajuda aos outros; é vulnerabilidade, deixando-nos tocar pelas necessidades e sofrimento alheios; é ir ao encontro do próximo, num amor prático e realista, sabendo intuir o que os outros desejam e precisam.⁷

Misericórdia significa compaixão suscitada pela miséria, pela dor alheia, sentimento despertado pela infelicidade de outrem. É perdão concedido unicamente por bondade. É um amor incondicional, gratuito, paciente, ilimitado, que perdoa.

A misericórdia é um outro nome da caridade. «É expressão amadurecida da virtude da caridade; o ‘espírito de misericórdia’ é, como a alegria e a paz, fruto desta virtude; e a bem-aventurança dos ‘misericordiosos, que alcançarão misericórdia’ (Mt 5, 7) é especial fruto da piedade, virtude e dom do Espírito Santo radicados na caridade».

«Além de disposição para o perdão das ofensas, a misericórdia é compaixão dos que padecem de fraquezas e necessidades espirituais e corporais».⁸

Pode entender-se a misericórdia como «uma disposição do coração que nos leva a compadecermos-nos – como se fossem próprias – das misérias que encontramos a cada passo e que nunca desaparecerão, por mais justas e bem resolvidas que possam ser as relações entre os homens».⁹

Segundo a devoção indicada por Jesus a Santa Faustina, através de revelações que lhe foram feitas, o termo misericórdia é muitas vezes citado sem qualquer explicação que defina o seu significado, mas na maioria dos casos é sinónimo de amor (seis casos), de compaixão (quatro casos), de bondade (quatro), do próprio Jesus

⁷ MORUJÃO, Manuel, *Mensageiro do Coração de Jesus*, março, 1998.

⁸ FALCÃO, Manuel Franco, *Enciclopédia Católica Popular*. Paulinas, Lisboa, 2004. Pag. 315.

⁹ CARVAJAL, Francisco Fernández, *Falar com Deus*. Quadrante, S. Paulo, 1990. vol. 3, pag. 414.

(quatro), tal como é indicado nas Sagradas Escrituras. Interpretada deste modo, a misericórdia possui atributos próprios de Deus.¹⁰

O Catecismo da Igreja Católica apresenta a misericórdia como um dos frutos da caridade. «Os frutos da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão».¹¹

Resulta do amor de Deus para conosco e do nosso amor para com os irmãos, em quem procuramos ver Deus.

Manuel Morujão alerta para a existência de caricaturas da misericórdia que desfiguram o seu verdadeiro retrato: um amor sentimentalista, uma filantropia instintiva, *mel e doçuras* sem exigência, permissivismo facilitista...¹² Tais caricaturas deram ensejo a que se falasse, não sem uma ponta de maldade, na *caridadezinha*.

Todavia, acrescenta, os misericordiosos não são os ingênuos, os inconscientes, os idiotas, os passa-culpas que não distinguem o bem do mal. São os que respondem à mentira com a sinceridade; à injustiça com a retidão; ao ódio e ao desejo de vingança com a compreensão fraterna; à ofensa injusta com o perdão.

Misericórdia e justiça

Há que resistir à tentação de identificar misericórdia com justiça ou de apresentar a misericórdia como um substituto da justiça.

Não são, escreve o Papa Francisco, dois aspetos em contraste entre si, mas duas dimensões duma única realidade que se desenvolve gradualmente até atingir o seu clímax na plenitude do amor.¹³ A

¹⁰ LARIA, Raffaele, *Santa Faustina e a Divina Misericórdia*, Paulus Editora, 2004, pag. 96.

¹¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 2.^a edição. Gráfica de Coimbra. N.º 1829

¹² MORUJÃO, Manuel, *ob. cit.*

¹³ PAPA FRANCISCO, *O rosto da misericórdia (Misericordiae vultus)*, n.º 20.

misericórdia, diz também, não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar.¹⁴

A prática da misericórdia – que fique bem claro – não dispensa o exercício da justiça. Supõe-no. O amor vai além do que a justiça consegue alcançar.¹⁵

Antes da misericórdia está a justiça. É um erro e uma injustiça pretender fazer ou dar por misericórdia o que por justiça é devido.

«Satisfaçam-se antes de mais as exigências da justiça, nem se ofereça como dom da caridade aquilo que já é devido a título de justiça».¹⁶

«As vezes pretende-se, escreve Fernández-Carvajal, opor a misericórdia à justiça, como se aquela pusesse de lado as exigências desta. Trata-se de uma visão errónea, pois considera-se a misericórdia como um pretexto para acobertar a injustiça, quando, na realidade, é a plenitude da justiça. São Tomás de Aquino ensina que, quando Deus atua com misericórdia, ultrapassa a justiça, o que pressupõe – quando nós o imitamos – que se começou por respeitá-la de forma plena. É como se uma pessoa desse duzentos denários a quem só lhe devesse cem; não só não vai contra a justiça, mas, além de satisfazer o que é justo, porta-se com liberalidade e misericórdia.

Esta atitude para com o próximo é, pois, a cabal realização de toda a justiça. Mais ainda, sem misericórdia, acaba-se por chegar a «um sistema de opressão dos mais fracos pelos mais fortes» ou a «uma arena de luta permanente de uns contra os outros», como adverte João Paulo II.

É óbvio que, se não se começa por viver a justiça, não se pode praticar a misericórdia que o Senhor nos pede. Mas, depois de darmos a cada um o que por justiça lhe pertence, a atitude

¹⁴ *Idem* 21.

¹⁵ VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 78.

¹⁶ VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem*, 8.

misericordiosa leva-nos muito mais longe: por exemplo, a saber perdoar com prontidão as ofensas, sem esperar por uma reparação ou por um pedido de desculpas; a atualizar os ordenados dos que dependem de nós acima do estrito aumento do custo de vida; a ultrapassar os limites da cortesia no atendimento a um desconhecido que nos procura; a ajudar um filho que se esforçou pouco por tirar boas notas... São pequenos gestos sem os quais – permanecendo apenas no âmbito estreito da justiça – se tornaria impossível a vida familiar, a convivência nos locais de trabalho e o variado relacionamento social».¹⁷

Se Deus se detivesse na justiça, escreve o Papa Francisco, deixaria de ser Deus; seria como todos os homens que clamam pelo respeito da lei. A justiça por si só não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir. Por isso Deus, com a misericórdia e o perdão, vai além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Antes pelo contrário! Quem erra, deve descontar a pena; só que isto não é o fim, mas o início da conversão, porque se experimenta a ternura do perdão.¹⁸

Somente com a justiça não poderemos resolver os problemas dos homens. A justiça vê-se enriquecida e complementada pela misericórdia. Uma e outra apoiam-se e fortalecem-se mutuamente. A caridade sem justiça não seria verdadeira caridade, mas uma simples tentativa de tranquilizar a consciência.¹⁹

O ensinamento da Igreja retoma constantemente a relação entre a caridade e a justiça: «Quando damos aos pobres as coisas indispensáveis, não praticamos com eles grande generosidade pessoal, mas devolvemos-lhes o que é deles. Cumprimos um dever de justiça e não um ato de caridade, lê-se no Compêndio da Dou-

¹⁷ CARVAJAL, Francisco Fernández, *ob. cit.*, pag. 413.

¹⁸ PAPA FRANCISCO, *ob. cit.*, 21.

¹⁹ CARVAJAL, Francisco Fernández, *Falar com Deus*, vol. 1, pag. 179.

trina Social da Igreja²⁰, citando S. Gregório Magno. E acrescenta: «Os Padres Conciliares recomendam fortemente que se cumpra tal dever para que não ‘se ofereça como dom da caridade aquilo que é já devido a título de justiça’. O amor pelos pobres é certamente ‘incompatível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso egoísta das mesmas’», diz ainda, agora citando Santiago.

Deus fez o mundo para todos e a ninguém deve faltar o necessário para poder viver com dignidade.

«A caridade, lembra ainda o referido *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (206), pressupõe e transcende a justiça: esta última ‘deve ser completada pela caridade’».

Se é verdade que a misericórdia pressupõe a justiça, também é verdade que a justiça, ao contrário do que muitos pensam, não dispensa a prática da misericórdia, se queremos ter um mundo onde exista verdadeiramente o calor humano. Recordá-o Bento XVI²¹: «O amor – caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem prescinde do amor, prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano. Sempre haverá sofrimento a precisar de consolação e ajuda. Sempre haverá solidão. Existirão sempre situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo. Um Estado, que queira prover a tudo e tudo açambarcar, torna-se, no fim de contas, uma instância burocrática que não pode assegurar o essencial de que o ser humano sofredor – todo o ser humano – tem necessidade: a amorosa dedicação pessoal».

«Não se podem regular as relações humanas unicamente com a medida da justiça».²²

²⁰ *Conselho Pontifício Justiça e Paz, Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Editor Principia – Publicações Universitárias e Científicas. Novembro de 2005. N.º 184.*

²¹ BENTO XVI, *Deus é Amor*. Paulinas – Secretariado Geral do Episcopado. Lisboa, 2006. N.º 28b

²² «*Compêndio da Doutrina Social da Igreja*», 206.

Uma coisa é aplicar uma injeção com todo o rigor (e, muitas vezes, a frieza) da técnica, e outra, prestar esse mesmo serviço enriquecendo o rigor técnico com a prática do amor-caridade. Por isso se pode afirmar haver uma forma pagã e uma forma cristã de cuidar de um doente ou de prestar um serviço. Solidariedade e caridade não são sinónimos.

«Na sua atividade caritativa, adverte Bento XVI, as variadas organizações católicas não se devem limitar a uma mera recolha ou distribuição de fundos, mas sempre devem dedicar uma especial atenção à pessoa necessitada e, de igual modo, efetuar na comunidade cristã uma singular função pedagógica, favorecendo a educação para a partilha, o respeito e o amor, segundo a lógica do Evangelho de Cristo. Com efeito, a atividade caritativa da Igreja, nos seus diversos níveis, deve evitar o risco de se diluir na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma».²³

«Por muito justas que cheguem algum dia a ser as relações entre os homens, sempre será necessário o exercício quotidiano da misericórdia».²⁴

A misericórdia é humanizadora da justiça. Assegura uma justiça superior.

(Continua no próximo número)

²³ BENTO XVI, *O Serviço da Caridade*, Carta Apostólica publicada sob a forma de Motu Próprio com a data de 11 de novembro de 2012.

²⁴ CARVAJAL, Francisco Fernández, *Falar com Deus*, vol. III, pag. 413.

2.

Igreja Diocesana

1. Dos nossos Pastores

Amar incondicionalmente a vida

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga, na Missa celebrada na igreja de Moimenta, Terras de Bouro, em 03 de maio, a propósito da inauguração do Centro Social.

O Evangelho de hoje apresenta-nos uma das imagens mais expressivas da identidade cristã. Assim como os ramos não têm vida separados da videira, também o cristão é informe desvinculado de Cristo, da Igreja e de uma consequente integração activa na sociedade. «Permanecer em Cristo» é a expressão mais utilizada neste Evangelho. Surge por sete vezes. Segue-se outra frase programática, «dar fruto», que se repete por seis vezes. Ao contrário da videira de Israel, transplantada do Egipto para a Terra Prometida, e que acabou abandonada e queimada no fogo (Sl 80, 9-17), apesar do amor com que foi tratada, Jesus é apresentado como «a videira, a verdadeira». Repare-se no ênfase do adjectivo «a verdadeira» colocado no final da afirmação. E porque é Ele a verdadeira videira? Porque é a única capaz de realmente produzir frutos.

Permanecer em Cristo não é verbo de passividade. Permanecer, estar, é o tempo da construção da identidade. Na língua inglesa diz-se inclusive being, isto é, estar com alguém e, ao mesmo tempo,

ser alguém novo por causa dessa presença. Daí que, a Igreja deva compreender que tudo aquilo que faz, a mensagem que transmite, os valores que ensina, as relações que fomenta, tudo isso tem sentido e validade por causa de Cristo. «Sem Mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5), diz o Senhor. A Igreja faz muito por causa de Cristo mas deve fazer ainda mais.

E é justo que se diga, neste momento, que a Igreja tem feito muito pela construção da identidade nacional, pela coesão social e pela solidariedade. Não poderia ser de outro modo. A segunda leitura diz-nos claramente «meus filhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade» (1 Jo 3, 18). Uma fé sem obras é uma fé morta ou, pelo menos, uma fé egoísta, desencarnada e destinada à falência. Precisamos – permitam-me a expressão – de materializar a nossa fé de lhe dar visibilidade.

Vivemos tempos de sobressalto social. Todos nós conhecemos casos de pobreza envergonhada, de desemprego, de solidão, de insegurança social e de angústia existencial. Poderá uma sociedade desenvolver-se à custa destes estigmas sociais? Onde está a nossa solidariedade? O cristão, onde quer que se encontre, deve ser uma sentinela da dignidade humana e actuar com gestos concretos, mesmo que isso implique a denúncia. Não se contenta com as palavras, oferece o pão onde é necessário e ainda ternura nos relacionamentos quotidianos. Estas atitudes são ainda mais urgentes em zonas de profunda desertificação, como é o caso de Terras de Bouro, onde a solidão pode ser preocupante. A comunidade cristã não pode, por isso, tolerar a indiferença. É necessário destrancar as portas do coração e encontrar-se com os outros num amor solícito e terno que dignifique a vida de quem gosta de continuar a residir em lugares quase desertos. Esta caridade não entra nas estatísticas mas é, e deve ser cada vez mais, a estrada e a honra dos cristãos e das comunidades cristãs.

Para além desta acção pessoal de cada cristão, em nome de Cristo, os nossos grupos de voluntários, os nossos grupos informais de caridade e os nossos centros sociais paroquiais têm sido, ao

longos destes anos, uma centelha de esperança no meio de águas tão agitadas. Em 2013 contabilizaram-se, só na Arquidiocese de Braga, 205 Instituições de Solidariedade Eclesiais. Poderão parecer muitas mas, na verdade, são sempre poucas quando «a dignidade original da pessoa humana é um valor universal, inalienável e inviolável, no qual se fundamenta a igualdade essencial de todos os seres humanos» (GS 25). Em momento algum elas deverão perder a sua identidade, nem permitir que a sua acção social seja mera prestação de serviços com qualidade. Importa acrescentar a mais-valia da caridade cristã. Não bastam as exigências profissionais e as condições materiais dos espaços, que tantas vezes são impostas por parâmetros que deveriam ser mais realistas. A dinâmica da solicitude fraterna, meiga, carinhosa, solícita e prestável deve ser matriz que as identifique e distinga.

Podemos, assim, sintetizar nalguns itens o genoma da nossa acção caritativa.

- A caridade cristã tem a marca da proximidade. Os cristãos são vigilantes atentos que não permitem que um vizinho seja um anónimo a passar necessidades. Com razão dizia Bento XVI que «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos» (Caritas in Veritate 19).

- A caridade cristã contribui para a qualidade de vida. A Igreja tem marcado a sua presença em todos os lugares, mas principalmente naqueles onde outros não desejam estar. Lugares desertificados e marginalizados. Terras de Bouro é para muitos um concelho enigmático e desinteressante. Não é o número de habitantes que justifica a nossa presença. Queremos dar qualidade e dignidade a todos. Porque não nos revemos em certos esquemas, temos alertado a sociedade civil para situações escandalosas de pobreza e de falta de investimento estatal.

- A caridade cristã nasce da comunidade. A caridade faz com que nos constituamos e sintamos comunidade. E se a caridade impele o cristão a agir no seu terreno relacional, a comunidade é sinal e testemunho do modo como o amor é vivido. Daí que

ela mesma deva ser porto seguro onde os mais carenciados podem recorrer, pois ela tem movimentos e voluntários capazes de dar respostas adequadas. Os Centros Sociais Paroquiais, que são apenas uma faceta da ação social da Igreja, nunca poderão renunciar a esta matriz de eclesialidade e de preferência pelos mais pobres. Mas, curiosamente, as crescentes exigências, fruto natural de uma qualidade que importa defender, as imposições dos acordos de cooperação e outras realidades podem impedir, por razões de sustentabilidade, que se exerça uma opção preferencial pelos pobres.

Este trabalho pela dignidade da vida não nos dispensa de pensar na vida e no que ela implica. É uma vida a ser defendida e estimulada, desde o nascimento até à morte. Celebramos hoje o Dia da Mãe. Quero abraçar e beijar as mães de todos os diocesanos de Braga, assim como rezar por aquelas que já faleceram. Encontrando-nos num concelho envelhecido, não posso deixar de pensar no dom da maternidade e da paternidade. Necessitamos de mais apoios para os filhos que nascem. Os que existem não são suficientes. Mas, mais importante, é cultivar o amor à maternidade e paternidade. Um filho vale muito mais que muitas coisas materiais que possamos ter. Esta cultura da maternidade começa em casa, passa pelas comunidades eclesiais, pela comunicação social e, nunca esqueçamos, que a escola desempenha um papel decisivo. Sem esta consciência nacional sobre o que se passa nos nossos estabelecimentos escolares e a alegria de ser, hoje e agora, pai e mãe, Portugal não terá futuro.

Que Maria, a mãe da Humanidade, nos torne realizadores de um amor fraterno e amantes da vida, no nascer e no viver.

Misericórdia para com as fraquezas e injúrias

Discurso proferido pelo senhor D. Jorge Ortiga em Barcelos, em 03 de maio, no fim da Procissão da Invenção da Santa Cruz.

O ano pastoral em curso na Arquidiocese de Braga tem como principal finalidade promover uma profunda unidade entre a fé e a caridade. “A fé sem obras está completamente morta”, disse o apóstolo Tiago aos judeo-cristãos da Diáspora. Sabemos bem o quanto a diáspora, bem como outras situações de fragilidade humana, requerem uma atenção particular. Diria mesmo que a fragilidade é a condição humana onde o amor cristão e a fé se revelam mais necessários. Uma leitura deturpada das nossas intenções poderia concluir que se trata de um aproveitamento da debilidade do outro para evangelizar. Nada mais errado. A caridade cristã produz a dignidade e a autonomia da pessoa, transformando a fraqueza em vigor. Como dizia S. Paulo, “quando sou franco, então é que sou forte” (2 Cor 12, 10), porque na fraqueza habita a força de Cristo.

Um itinerário muito concreto para operar a caridade cristã é o das obras de misericórdia, espirituais e materiais. Foi com alegria que recebi a notícia que o Santo Padre deseja inaugurar, a 8 de Dezembro de 2015, um Jubileu Extraordinário da Misericórdia e nele pede que se reflecta sobre as obras de misericórdia. Diz o Papa Francisco, “é meu vivo desejo que o povo cristão reflecta, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina”.

As Obras de Misericórdia despertam as consciências adormecidas e anestesiadas pela mediatização do sofrimento. Todas elas são importantes, mas gostaria hoje de recordar, pela sua universalidade e actualidade, duas obras espirituais.

1. Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo.

Todos temos debilidades, incoerências, maldades e atitudes desastrosas. Com grande facilidade encontramos justificação para as nossas atitudes e, muitas vezes, somos intransigentes com os outros. A cruz de Cristo, todavia, aconselha-nos a ter paciência (que vem do latim PAX), isto é, a sermos um instrumento de paz e a levarmos amor onde existe ódio, o perdão onde existe ofensa e a alegria onde existe tristeza (*Oração de S. Francisco de Assis*). Como recorda o Papa Francisco na bula do Ano da Misericórdia, “a paciência e a misericórdia é o binómio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus”. E onde existe a paciência, a bondade prevalece sobre o castigo e a destruição.

2. Perdoar as injúrias. As fraquezas, quando resultam de traços da personalidade humana, são, muitas vezes, inultrapassáveis e moralmente justificáveis. As injúrias, por sua vez, resultam da acção intencional do Homem. A maldade e a perversidade existem, não tenhamos dúvidas. São pecados graves mas, ainda assim, passíveis da misericórdia de Deus. “Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão”, diz o Santo Padre.

A misericórdia é, e será sempre, maior do que qualquer pecado. Também nós, criaturas feitas à imagem de Deus, deveremos ser sacramento do perdão. Perdoar custa. É um caminho árduo. Mas perdoar é, ao mesmo tempo, sinal de uma fé madura, sólida e abrangente.

Que a Cruz de Cristo nos aponte o caminho da salvação, do perdão e da misericórdia divina que transforma a fé em obras de caridade.

Estranha forma de vida

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga na cripta da basílica do Sameiro, em 09 de maio, na na Bênção dos Finalistas da Universidade do Minho e do Núcleo de Braga da Universidade Católica.

Ontem à noite, muitos de vós, participaram certamente na serenata junto ao Largo do Paço. Foi um momento intimista, de silêncio, de amizade e de escuta do fado, um dos mais fortes traços identitários da nossa portugalidade. Em Julho deste ano, celebram-se 95 anos do nascimento de Amália. Creio que nenhum de nós terá dificuldades em reconhecê-la como uma embaixadora da língua portuguesa. O que talvez desconheçam é que Amália era uma mulher de cultura e de fé. Em 2010, o P.^e Feytor Pinto, seu amigo pessoal, disse que Amália “procurava o mistério de Deus não como solução mas como caminho”. Em *Foi Deus*, Amália cantava “não sei, não sabe ninguém / porque canto o fado / neste tom magoado”, mas logo depois reconhecia “foi Deus / que deu luz aos olhos / e deu-me esta voz a mim”.

Já noutro poema de sua autoria, a fadista de Portugal, um pouco ao jeito de Job, reclamava “foi por vontade de Deus / que eu vivo nesta ansiedade. / Que estranha forma de vida”.

Que estranha forma de vida. Talvez alguns de vós tenham este sentimento de estranheza. São estranhos os tempos de mudança e de incerteza. São estranhas as perguntas mais profundas. É estranho este Deus que parece remeter-se ao silêncio e que, perante tanta estranheza, nos leva a dizer como Etty Hillesum “Meu Deus, esta época é demasiado dura para gente frágil como eu”.

A estranheza, se bem vocacionada, é um sentimento bom. Faz-nos estar mais despertos para com aquilo que nos rodeia e apura-

-nos o sentido crítico. Sei que o cristianismo é, para muitos, “uma estranha forma de vida”. Gabriel Magalhães, professor e romancista, escreveu no seu livro *Espelho meu* que “quando vivemos a fundo a verdade da Fé, entramos num mundo um pouco estranho. Num outro mundo do mundo”. Que mundo é esse? Que verdade é essa? Que caminho de estranheza é esse onde espreita a felicidade?

Para construir uma resposta, gostaria de vos indicar um itinerário, em três etapas consequentes. Para mim, é uma experiência de fé. Talvez alguns de vós não acrediteis. Aceitai esta partilha como um dom de alguém que nada pretende impor. Apenas e só deixar algo para o início de uma nova etapa da vossa vida, como possível ajuda.

1. Expandir o amor. É no Evangelho de hoje que encontramos este primeiro critério. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos”, disse Jesus. Pelos amigos normalmente nutrimos simpatia e cumplicidade. Mas o que Jesus nos diz é algo mais profundo: descobre a tua identidade na interdependência dos outros. Por outras palavras, a nossa vida fica incompleta enquanto não fizermos a experiência do amor desinteressado. Noutras circunstâncias, Jesus é ainda mais radical e diz “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5, 44). Não é fácil este caminho da dádiva incondicional. Existem resistências naturais. O agir de Deus, todavia, é desconcertante e introduz na humanidade critérios sobre-humanos, ou divinos, se preferirmos. Quando as civilizações diziam “olho por olho, dente por dente” (Ex 21, 24), Deus contrapunha “Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mt 5, 38). Estranha forma de vida, não é? Experimentada na sua justa intervenção, talvez não o seja.

2. Valorizar a família. A família é lugar onde se vive o amor desinteressado de modo mais intenso. Ninguém escolheu o seu pai ou a sua mãe, ninguém escolheu os seus irmãos. Foram-nos entregues, como dom, para deles cuidarmos com toda a ternura. Infelizmente alguns grupos organizados pretendem negar ou destruir

este “património imaterial” da humanidade. Mas creio que também nós, cidadãos comuns, por ingenuidade ou distração, descuidamos este núcleo estruturante da sociedade.

Será por medo de sermos politicamente incorrectos que nos silenciámos face ao movimento ideológico de substituir “pai” e “mãe” por “genitor A” e “genitor B”? Gostáreis, um dia mais tarde, que o vosso filho – ou deverei dizer descendente – vos interpelesse com um “dá-me um beijo, meu genitor”? Todas as palavras têm um sentido, uma história e uma identidade e não podem ser desvirtuadas. A vida sem família não tem futuro e a família tem uma identidade cultural e histórica que nunca podemos desarticular. Estranha forma de vida, não é? Caros jovens, agradecei hoje a Deus pela vossa família, respeita-a. Sabeis que ela tem sido o suporte do vosso existir. Hoje chorarão lágrimas de alegria e, infelizmente, continuarão a ajudar-vos por falta de trabalho.

3. Respeitar a vida. A última etapa do nosso itinerário é a vida. Falo da vida desde a sua primeira célula da existência até ao último respiro do corpo. O respeito pela vida – a nossa e a dos outros – está acima de critérios como a lucidez, o uso da razão ou ainda a autosuficiência. É grave quando determinados cientistas confundem a opinião pública e introduzem falsas distinções conceptuais de “pessoa” e “ser humano”. Todo o ser humano é pessoa e toda a pessoa deve ser defendida. É urgente, por isso, reconhecer que a vida humana é o primeiro e mais estimável dos bens e, como consequência, urge construir uma verdadeira cultura da vida (cf. EV 95).

No próximo dia 15 de Maio, celebraremos o Dia Mundial da Família e, ao mesmo tempo, terá início a Semana da Vida, este ano com a temática “Vida com dignidade. Opção pelos mais fracos”. Foi esta a razão de vos deixar estas duas palavras plenas de significado. Família e vida. Descortinai com honestidade o significado de cada uma e ajudai Portugal com um amor crescente à família e à vida. Na vida, que hoje começa a ser desconsiderada por tantos suicídios e homicídios, quero pedir-vos uma opção pelos mais fracos.

Os mais fracos são todos aqueles que aguardam o amor desinteressado de alguém que queira cruzar a sua vida com a deles. É importante que dilateis o vosso amor aos mais idosos, aos avós, porque eles são a memória da vida que vos antecedeu. Mas projectei também o vosso amor para o futuro, isto é, encontrais espaço no vosso coração para acolher os filhos que Deus vos der.

Este ano, a Arquidiocese quis abrir uma plataforma com o desejo de encontro com o diferente. Fomos à cultura helénica e chamamos-lhe “Nova Ágora”. Espaço aberto a todos os discursos e convicções. A Igreja tem as suas. Hoje quer sair dos seus espaços e encontrar-se com a diferença. Daí que vos afirme com toda a verdade: a Arquidiocese de Braga estará sempre convosco, concordando ou não com as vossas opções. Não tenhais medo de encontrar-vos convosco. Trazei a vossa procura de verdade, as dúvidas e perplexidades, os medos e temores. Juntos poderemos encontrar um pouco de luz para o vosso futuro pessoal, profissional e familiar. E assim, a vida, mesmo com problemas, deixará de ser estranha.

Raiz e asas para um mundo melhor

*Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga na
capela da Faculdade de Teologia, em 17 de maio,
no Dia Arquidiocesano da Família.*

Celebramos, este ano, o Dia Arquidiocesano da Família na festa da Ascensão. Esta coincidência poderá sugerir-nos três ideias extraídas das leituras.

1. A primeira leitura recorda-nos a grande expectativa que o povo judaico tinha em relação à vinda do Messias para restaurar o Reino de Israel. Também os discípulos se deixaram imbuir por esta ideia. Pensavam que tudo aconteceria numa pessoa concreta e de um modo extraordinário.

Jesus foi e é uma pessoa extraordinária, sem dúvida. Mas a construção do reino, por sua vez, acontece num estilo subtil e despretenso. O reino de Deus cresce ao ritmo do nosso empenho pessoal, do nosso desejo que ele seja uma realidade. Tal como os discípulos, também nós recebemos a “força do Espírito Santo” para o anúncio do Reino de Deus.

A família entra neste projecto como a célula e a base de um conjunto mais alargado. Dela depende o futuro. Importa, por isso, deixar que o Espírito Santo, com a sua força, avance quotidianamente para a renovação da terra. Sem intérpretes convictos, o Reino não acontecerá e a concórdia e o progresso entre as pessoas não passarão de uma ilusão. De modo semelhante, não podemos esperar que um “messias”, um protagonista especial, salve a família. São as nossas famílias concretas, com as suas capacidades e imperfeições, que deverão mostrar a validade do projecto familiar alicerçado no amor perene e gratuito.

2. Na segunda leitura é-nos recordada esta mesma doutrina. A cada um é concedido um carisma e capacidade distintos, mas orientados para o mesmo fim. Este contraponto entre diversidade e unidade é, curiosamente, a grande riqueza do povo de Deus. Sendo assim, toda a realidade das famílias é confiada às famílias. A elas é confiado o dom e são elas que devem intervir e agir. Mas, quanto talento perdido. Quantos testemunhos ocultos no silêncio. Quantas vozes proféticas silenciadas. Que este Dia Arquidiocesano da Família nos desperte para esta responsabilidade e se constituam equipas de Pastoral Familiar ao nível das paróquias, zonas ou arciprestados.

3. O Evangelho lança o desafio de “ir por todo o mundo e levar o Evangelho a toda a criatura”. Para que o reino de Deus se edifique, é preciso partir e não ficar inerte a olhar para o alto sem ver os problemas que marcam o quotidiano das famílias. Quanto maior a consciência dos desafios que afectam a vida familiar, maior deve ser a acção da Igreja através das famílias.

Estamos a reiniciar um novo período na pastoral familiar com uma nova equipa coordenadora. Antes convidei famílias de todas as paróquias para este esforço comum de promover os verdadeiros valores da família. Com eles, e a partir deles, podemos levar duas palavras que podem sugerir muitas ideias.

O mundo necessita de raízes consistentes para não se desmoronar. A família é raiz de uma sociedade nova e, também ela, deve ter raízes. Para um crente, a Palavra meditada é essa raiz que gera fé e oferece as bases de uma educação com valores. Ao mesmo tempo, importa ter asas para voar e ver mais além, descortinando o perene.

Com as asas, importa olhar para lá dos modelos que sub-repeticamente se vão impondo e subir para ver do alto os problemas reais. Com esse olhar de horizontes amplos e com a comunhão de Deus, podemos encontrar coragem para ultrapassar as dificuldades e a alegria para dedicar tempo à resolução de tantos enigmas existentes na família e que poderiam ser evitados.

Quando a Pastoral Familiar consegue unir famílias a trabalhar para que a Família se “torne naquilo que ele é”, algo de novo acontece para a Igreja e para o mundo. Isso mesmo referiu o Papa Francisco no Sri Lanka. “Quando nos preocupamos com as nossas famílias e as suas necessidades, quando entendemos os seus problemas e esperanças, (...) quando se apoia a família, os esforços repercutem-se não só em benefício da Igreja, ajudam também a sociedade inteira.”

Era este compromisso de famílias, no estudo de problemas familiares à luz da Palavra de Deus e da Doutrina da Igreja, que espero que resulte deste dia. Que Maria, a mãe das famílias, na imagem da Virgem Peregrina que visitará a Arquidiocese, nos conceda este dom.

Hoje, Dia Mundial das Comunicações Sociais, levemos esta mensagem de co-responsabilidade a todas as paróquias e arciprestados.

O tesouro escondido da Fé

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga em 17 de maio, na Missa com que terminou uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Guia, em Belinho, no arciprestado de Esposende.

Iniciamos, hoje, com a peregrinação ao Santuário de nossa Senhora da Guia, as peregrinações arciprestais. Peregrinar aos santuários marianos é uma tradição cristã imemorial. Na nossa arquidiocese, estas peregrinações acontecem em todos os arciprestados e, mais tarde, uma enchente de cristãos atravessa a cidade de Braga rumo ao Santuário do Sameiro. Mais do que uma simples tradição, as peregrinações são um dom para a vivência da fé e, consequentemente, oportunidade de renovação das nossas comunidades.

O Papa Francisco, na *A Alegria do Evangelho*, usa uma expressão que nos deve fazer pensar a todos, sacerdotes e leigos. Diz que a Igreja corre o risco de se deixar submergir no “mundanismo espiritual”. Procuram-se manifestações de tipo espiritual, mas por vezes misturadas com um mundanismo. O espírito não penetra totalmente na vida quotidiana e ela continua imbuída de comportamentos mundanos. É um dualismo que impressiona. Duas realidades que se aproximam, tocam-se e não se misturam, tal como o azeite e a água. O Papa explica ainda que este mundanismo espiritual se caracteriza por uma vida infecunda, onde as práticas religiosas são dissimuladas e a pastoral esvai-se em “reuniões infecundas e discursos inúteis”.

Não podemos permitir que as peregrinações se pautem pela esterilidade e por orações e homilias inúteis. Elas são, como sabemos, uma oportunidade singular para dar um ritmo novo às vidas das pessoas e das comunidades.

Por presidir a quase todas as peregrinações arcepastais, decidi sublinhar em cada uma alguns aspectos do compêndio da *Doutrina Social da Igreja*, indo deste modo ao encontro do que nos é sugerido no Programa Pastoral. Olharei somente para os princípios da Doutrina Social da Igreja e começarei pelo primeiro, ou seja, pelo bem comum. S. Paulo, na segunda leitura, recordava que Deus constituiu a uns apóstolos, a outros doutores, a outros pastores e a outros mestres. Talentos e qualidades diferentes orientados para a unidade, uma vez que há “um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo” (Ef 4, 5). Conscientes destes talentos, acolhemos a missão de ir pelo mundo e de semear o Evangelho no coração das culturas, nunca nos resignando a ficar especados “a olhar para o céu” à espera que o mundo se modifique por si mesmo.

O Papa Bento XVI, na sua encíclica *Caridade na Verdade*, afirma que “amar alguém é querer o seu bem e trabalhar eficazmente pelo mesmo. Ao lado do bem individual, existe um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. É o bem daqueles «nós-todos», formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social e que, só nela podem realmente e com maior eficácia obter o próprio bem” (n. 7). Comprometer-se pelo bem comum significa, por isso, acreditar que encontro o que preciso quando me descentralizo e despendo as energias no bem de todos. Nunca encontramos uma realização plena em nós próprios. Só trabalhando “com” e “para” os outros conseguiremos experimentar uma felicidade perene.

Se a responsabilidade pelo bem comum é de todos, teremos de reconhecer que o verdadeiro bem comum trabalha-se na luta pelo respeito e pela promoção integral da pessoa e dos seus direitos fundamentais. O Compêndio recorda “o empenho pela paz”, o compromisso numa “organização dos poderes do Estado” e numa

“sólida ordem jurídica, na protecção do ambiente e, muito concretamente, no trabalho e talvez luta pelos direitos essenciais das pessoas como “a alimentação, a habitação, o trabalho, a educação e acesso à cultura, saúde, transporte, livre circulação das informações e tutela da liberdade religiosa”.

Estes são alguns exemplos. Fundamental é que retenhamos que o bem comum empenha “todos os membros da sociedade, ninguém está escusado de colaborar, de acordo com as próprias possibilidades, na sua busca e no desenvolvimento” e isto porque “todos têm também o direito de fruir das condições de vida social criadas pelos resultados da consecução do bem comum”. O bem comum é tarefa de todos e destina-se a todos. É esta cidade dos homens que Deus quer e que a Igreja está empenhada em construir. O cristianismo deve levar-nos a esta missão feita com alegria e entusiasmo. A fé passa por aqui. Não podemos nunca contentar-nos com o dualismo do “mundanismo espiritual”. Por nosso intermédio o mundo deve ser diferente.

No dia 13 de maio, a Virgem Peregrina iniciou, em Fátima, uma viagem por todas as dioceses. Iremos acolhê-la em todos os arceparquias a partir do dia 31 de maio. Chegará a Esposende no dia 13 de Junho para depois partir no dia 14 em direcção a Viana do Castelo. Quais são as minhas expectativas em relação a esta peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima trouxesse na nossa Arquidiocese?

Em primeiro lugar, que os cristãos se congreguem para acolher Maria como Mãe de todos, para pedir, agradecer e sobretudo viver a alegria de ser discípulo de Cristo, como ela foi. Discípulos congregados na unidade do amor materno, que não se contenta com a experiência da Igreja paroquial e expande-se à festa de ser cristão no arceparquia e, por este, na Arquidiocese.

Em segundo lugar, que Nossa Senhora de Fátima nos traga a alegria de sermos uma Igreja Arquidiocesana unida nos seus projetos e orientações. Que esta unidade e alegria contagie as nossas

comunidades paroquiais e que estas se empenhem na descoberta da Palavra de Deus para depois a introduzir nos diferentes ambientes que a vida nos apresenta.

D. António Marto, no santuário de Fátima, a propósito da partida da Virgem Peregrina, disse que a brancura do manto de Nossa Senhora de Fátima nos deveria fazer recordar a túnica branca do nosso batismo. Todos sabemos que o nosso Plano Pastoral, com três anos já percorridos e outros dois a percorrer, parte da ideia de “redescobrir a identidade cristã”. “Dar-te-ei tesouros enterrados e riquezas escondidas; para que saibas que Eu sou o Senhor” (Is 45, 3).

Pedirei a todos os cristãos da Arquidiocese de Braga para reservarem alguns momentos para se colocarem diante da Virgem Peregrina, mesmo que fiquem longe. Para rezar, sim; para agradecer, sim; para pedir, sim. Mas, sobretudo para contemplar, interiorizar e procurar descobrir esses tesouros baptismais escondidos.

Reviver o momento do batismo, pensando e tirando conclusões da vida a partir da água derramada sobre a cabeça, o crisma que nos constitui sacerdotes, profetas e reis, a veste branca de uma vida cristã transparente, a vela como responsabilidade de ser luz no mundo e a *Effathá* como alegria de abrir os ouvidos para escutar a Palavra.

Peço à Senhora de Fátima que faça compreender a todos os cristãos esta rica simbologia baptismal. Que a Senhora do vestido e do manto branco dê nova beleza ao nosso cristianismo na vida pessoal, familiar, paroquial e arquidiocesana, e que a vivência do batismo nos leve a um compromisso mais forte com o *bem comum*.

O serviço audaz da palavra

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga, na Sé, em 19 de maio, no primeiro aniversário do falecimento do senhor D. Eurico Dias Nogueira.

As leituras de hoje apresentam-nos dois testamentos, duas confissões explícitas daquilo que Jesus e Paulo realizaram na sua vida. Jesus, de modo particular, reconhece que glorificou a Deus Pai consumando a obra que lhe tinha sido confiada. E ao completar a Sua obra, manifestou o verdadeiro rosto de Deus aos homens.

Passado um ano da morte de D. Eurico, estamos agora em condições de reconhecer que ele viveu para glorificar a Deus, comunicando à Igreja e à sociedade as Palavras Divinas que lhe foram confiadas na ordenação presbiteral e episcopal.

D. Eurico foi um comunicador da Palavra de Deus no ambiente académico, em terras de missão (Moçambique e Angola) e em Braga. Era destemido e corajoso. Algumas vezes até incompreendido. Mas nenhum acontecimento da sociedade o deixava apático e confortável na tranquilidade de quem não se incomoda nem se contenta com o politicamente correcto.

A Arquidiocese de Braga deve ser capaz de acolher este legado e de ler os sinais dos tempos. Tempos esses incompatíveis com o silêncio. Custa muito. Mas há coisas intoleráveis e o que agrada ao mundo é o silêncio da Igreja. Há muitos projectos, por vezes dissimulados, que, em nome de uma legítima laicidade, impõem um laicismo onde a neutralidade se confunde com o desejo de silenciar. Há dias ouvíamos um texto da Sagrada Escritura onde S. Paulo, em Corinto, escuta uma voz que lhe recomenda “Nada temas, continua a falar e não te cales [...] pois tenho um povo numeroso nesta cidade” (Act 18, 9-10). Perante tantos atentados à verdadeira liberdade e à dignidade humana, a Igreja não pode calar-se sob a pena de não ser fiel à sua missão.

Creio que, no meio de opiniões contrárias, a sociedade portuguesa espera e necessita desta voz. A voz de sacerdotes e leigos com talentos diversos e espaços de actuação plurais. Este é o caminho da Igreja e, por isso, S. Paulo apresenta, com humildade, a sua experiência de vida como um modelo para os cristãos de Mileto.

A missão de Paulo consistiu em servir humildemente o Senhor sem nunca se furtar a nada que lhe pudesse ser útil. Também a gloriosa história de Braga terá actualidade se acreditar que a sua vocação é servir, nunca pelo orgulho ou vaidade, por vontade de recompensa, mas sempre na lógica da humildade. Servir é nunca fugir àquilo que a sociedade nos pede. São muitas as interpelações que nos chegam, explícitas e implícitas.

Não podemos contentar-nos com o culto e com as manifestações de piedade popular. “A glória de Deus é o homem vivo” (Sto. Irineu). O nosso caminho coincide com os caminhos dos homens numa opção pelos mais pobres. Necessitamos de estruturas materiais para melhor servir o povo. Estruturas que formem para uma intervenção cívica das comunidades e das pessoas. Urge ser criativo e não ter medo dos desafios.

S. Paulo é inequivocamente inquietante. Diz o Apóstolo, “a meus olhos, a vida não tem valor algum; basta-me poder concluir a minha carreira e cumprir a missão que recebi do Senhor Jesus, dando testemunho do Evangelho da graça de Deus” (Act 20, 24). A vida vale a pena quando é gasta deste modo. Ouvimos críticas ao cristianismo, mas não estará antes o mal no modo como vivemos a mensagem desse mesmo cristianismo?

Também aqui D. Eurico deixou-nos um legado. Uma vida gasta para servir o povo onde este se encontrava. Em Portugal ou África é secundário. Só o espírito com que o trabalho é realizado tem verdadeiro valor. Acredito que D. Eurico já se encontra junto de Deus. Louvemos no silêncio por tudo o que foi a sua vida. Para sermos dignos herdeiros do seu serviço episcopal, como cristãos deste século da indiferença e do agnosticismo, vivamos somente

para manifestar Deus Amor, sem valorizar outras coisas ou critérios. Levemos a bom termo a missão recebida no baptismo ou na ordenação sacerdotal/episcopal. Basta, apenas e só, dar testemunho do Evangelho nesta Arquidiocese que se honra de um passado glorioso.

Agradecemos à Câmara Municipal o facto de querer perpetuar a memória de D. Eurico Dias Nogueira atribuindo-lhe o nome de uma Avenida. Como agradecimento, queremos garantir que continuaremos a senda e o caminho que ele percorreu, fazendo-o de um modo unitário e como um corpo. Sozinhos não venceremos as adversidades. Colegial e sinodalmente realizaremos maravilhas como Deus o fez na pessoa de Maria. É na unidade que está a nossa força. Só deste modo Ele estará presente e manifestar-se-á como um Deus amigo do Seu povo.

Que Maria nos conceda a graça de uma Igreja renovada pelo Espírito, cuja festa do Pentecostes celebramos no Domingo, que fale a língua dos homens de hoje e se coloca ao seu serviço numa entrega de quem tudo dá para que o Amor de Deus resplandece, aqui e agora, por nosso intermédio.

Mons. Araújo Costa

Homília proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga na igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, em 26 de maio, na homenagem póstuma a Mons. António Araújo Costa, a propósito do centenário do seu nascimento.

A vida de qualquer pessoa pode assumir dois itinerários existenciais distintos. Alguns optam por gozar a vida, num imediatismo

de sensações agradáveis. Outros, pelo contrário, acreditam que a passagem pela terra é breve e deve ser vivida como preparação da realidade perene. Por qual optar?

A primeira leitura diz-nos com clarividência: “não te presentes diante do Senhor com as mãos vazias” (Sir 35, 4) e “dá ao Altíssimo, seguindo o que Ele te tem dado” (Sir 35, 9) e Ele “recompensar-te-á de tudo, sete vezes mais” (Sir 35, 10).

É nesta perspectiva que interpretamos a vida cristã. Ela exige-nos que deixemos coisas a que os outros dão valor para nos centrarmos unicamente na vontade de Deus. Quando isto acontece, Ele recompensa-nos sem medida.

A paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, no arceparquado de Guimarães e Vizela, e a Arquidiocese de Braga decidiram, em boa hora, recordar os 100 anos do nascimento de Mons. António de Araújo Costa.

Este gesto deve significar, desde logo, um apelo a que todos nós gastemos a nossa vida ao serviço dos demais. Apenas a doação de si e a entrega alegre aos outros explica determinadas opções de vida e a razão mais profunda do próprio existir.

Para confirmar esta minha convicção, gostaria de deixar um pensamento sobre um grande santo que a liturgia hoje nos recorda, S. Filipe de Neri. Viveu num período de grave crise na Igreja Católica, o séc. XVI, e desencadeou processos de renovação eclesial. Esta atitude é, por isso, paradigmática para este momento que estamos a viver. As reformas exteriores são importantes, sem dúvida, mas têm maior credibilidade quando surgem como consequência de uma revolução interna. Dito de outro modo: os grandes santos apostaram primeiro na via da espiritualidade e depois, gradualmente, começou a surgir um novo modo de ser Igreja. Recordo S. Inácio de Loyola e a Companhia de Jesus, S. Camilo de Lelis e o carisma da atenção aos enfermos, S. Carlos Borromeu e a reforma interna da Arquidiocese de Milão, Beato Bartolomeu dos Mártires e a renovação da pastoral da nossa Arquidiocese. Também Filipe de Neri integrou esta geração de homens que viveram a olhar para a eternidade e com o coração na Humanidade.

A ânsia da espiritualidade levou muitos leigos, que não pretendiam a integração numa Ordem Religiosa, a apostarem num estilo de vida evangélico e a atenderem às necessidades dos doentes, dos pobres e dos órfãos. Eram pessoas de todas as condições sociais que se reuniam para se formarem e agirem, segundo as suas capacidades, no seu ambiente quotidiano. Recordo, a título de exemplo, o músico Palestrina que deu um contributo importantíssimo à música polifónica e criou um Oratório do qual saíram artistas influentes na música profana e sacra. O papel de Filipe de Neri era essencialmente ser um mestre da vida cristã, privilegiar o acolhimento das pessoas e fomentar a direcção espiritual. Desenvolveu, por isso, um trabalho pedagógico com o objectivo de fomentar a vida comunitária, mesmo estando no mundo. Contudo, só mais tarde surgiu, espontaneamente, a comunidade sacerdotal composta pelos seus primeiros companheiros que sentiram o chamamento à vocação sacerdotal. Não estavam ligados entre si por votos como os religiosos. Viviam, antes, em comum pelo vínculo da caridade fraterna. Uma vida sem grandes práticas de penitência, como era habitual nesse período, mas profundamente marcada pela liberdade cristã e pela simplicidade evangélica. Ele dizia que “a nossa regra é só o amor”. Os santos do seu tempo estruturavam, por norma, a vida religiosa ao pormenor. Ele preferiu, ao invés, a vitalidade religiosa numa modalidade mais livre, espontânea e adaptada à presença no mundo. O grande historiador Lortz define S. Filipe como “a melhor personalização católica da liberdade cristã”.

Esta homenagem ao Mons. Araújo Costa pode correr o risco de se limitar a palavras que reproduzem, com maior ou menor fidelidade, a sua personalidade. Peço a Deus que isso não aconteça. Viemos aqui para iluminar a nossa vida e levar algo que nos faça recordar sempre este grande sacerdote que serviu a Igreja em vários lugares. Coloquemos, por isso, na nossa mente quatro recordações:

1. O mundo de hoje necessita de interioridade. Vivemos demasiado apegados a critérios que nos são impostos de fora. Somos pressionados por mensagens que minam a nossa liberdade interior e nos impedem de corresponder à nossa identidade germinal.

Esvai-se a nossa originalidade e transformamo-nos num número sem capacidade de incidir sobre a realidade que nos circunda.

O catolicismo, como não poderia deixar de ser, sempre primou pela apologia da interioridade e da espiritualidade. S. Filipe de Neri insere-se nesta linha dos grandes exemplos vivos do protótipo cristão. Somos católicos não só para ir à missa, participar em procissões ou rondas. Há um estilo de vida, um modo de encarar os problemas, uma luz norteadora que nos orienta. Este estilo é trabalhado mediante uma séria reflexão pessoal e comunitária. Necessitamos de lugares e espaços de criatividade espiritual. Mas quem sabe se eles não existem já em casa ou na comunidade cristã e nós estamos a desaproveitá-los?

O Mons. Araújo Costa está ligado ao Centro Pastoral D. António Bento Martins Júnior. Um espaço que tem sido aproveitado para formação bíblica, para reaprender a oração e para verificar como agir como pessoas que vivem no mundo. Não poderemos ir ainda mais longe e fazer deste espaço uma estrutura evangelizadora nesta realidade única que é a cidade de Guimarães?

2. Da espiritualidade nasce a vontade de discernir. O crente, desde sempre, tende a aproximar a sua vontade à vontade de Deus. Numa linguagem teológica, este processo tem o nome de discernimento vocacional, isto é, o acto de responder a um chamamento de Deus.

Ser cristão é sinónimo deste diálogo com Deus que chama constantemente e que, respeitando a liberdade individual, sonha um projecto de vida profissional ou familiar. É neste ambiente que crescem as vocações e surgem as novas congregações religiosas.

S. Filipe de Neri começou por uma Ordem Secular e chegou ao Oratório dos Consagrados. Neste ano da Vida Consagrada, não

poderemos também nós inspirar-nos na paixão do Mons. Araújo Costa pelas vocações de especial consagração? Existem Congregações e Institutos Seculares. Não poderão ser elas o caminho de muitos e talvez de algum de nós?

3. Desta consciência emerge a importância do sacerdócio ministerial. O Mons. Araújo Costa foi o primeiro Vigário Episcopal para o Clero e a quem tive a honra de suceder, talvez por sua sugestão.

S. Filipe de Neri chegou a um Oratório Sacerdotal onde a vida comum dos sacerdotes, em simplicidade e amor fraterno, era a força para viver o ministério com a convicção que as grandes causas exigem.

Não poderemos levar, a partir de Guimarães, para toda a Arquidiocese este gosto dos sacerdotes crescerem juntos na vivência da fé? A paróquia de N. Sra. da Oliveira não dispõe de condições para organizar uma residência e comunidade sacerdotal? As exigências do ministério certamente atenuar-se-iam e as dificuldades transformar-se-iam em trampolim para um testemunho mais alegre e contagiante.

Por outro lado, como é urgente que as Unidades Pastorais passem de bonitas intenções à realidade.

4. No seu itinerário de vida, o Mons. Araújo Costa foi capaz de intuir as necessidades dos mais pobres e apaixonou-se pelas Obras de Misericórdia. Concretizou-as sobretudo na atenção às crianças, a quem os pais nem sempre podiam proporcionar momentos de convívio e de aprendizagem para uma vida alicerçada nos valores humanos e cristãos.

A Igreja sempre dedicou particular atenção às crianças e, é justo lembrar, às crianças mais pobres. Foi a Igreja quem idealizou e construiu estruturas que, a partir de leigos apaixonados pela missão eclesial, fossem resposta a tantas carências.

A história de Guimarães confirma-o e são muitas as casas de matriz católica que aqui servem as crianças. O Centro Paulo Mexia, na Penha, agora ao serviço do CNE, foi uma instituição pioneira

no acolhimento das crianças e na capacidade de lhes proporcionar momentos de qualidade.

Passaram-se cem anos! Tentei evitar adjetivos para descrever o D. Prior. Optei antes, e tendo por base o esquema de S. Filipe de Neri, por deixar sementes. Não poderemos, a partir do centro de Guimarães, trabalhar a formação humana e cristã? Não teremos a responsabilidade de elevar o patamar de exigência no âmbito da espiritualidade e das opções de vida? Não terão os sacerdotes de converter a sua vida isolada e testemunhar uma vida comunitária e um trabalho em verdadeira unidade? Não necessitarão as crianças e os jovens, assim como os mais pobres, de conhecer esta ternura do amor de Deus que a Igreja pode oferecer?

Que o Mons. Araújo Costa nos desafie a mudar alguma coisa em termos pessoais e estruturais. Deixemo-nos de individualismos que vergonham a Igreja e mostremos um cristianismo, com limitações e deficiências, mas unido no essencial a trabalhar pelo bem da humanidade.

Com um espírito evangelizador

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortega na Missa com que terminou uma peregrinação do arceprelado da Póvoa de Lanhoso ao santuário de Nossa Senhora do Pilar, em 24 de maio.

Nesta peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Pilar, queremos estar com Maria e os Apóstolos, reunidos no cenáculo, e fazer a experiência da descida do Espírito Santo, prometida por

Cristo na Sua pregação. Este santuário deve transformar-se, por este motivo, num verdadeiro cenáculo.

Com Maria tomamos consciência de que somos templo do Espírito Santo e que é o Espírito quem forma e dirige a Igreja. Dá-lhe a forma de uma comunidade de pessoas e dirige-a quando coloca os diversos dons e talentos ao serviço do Povo de Deus.

S. Paulo, na segunda leitura, é elucidativo. Há um só Espírito mas diversidade de dons espirituais, ministérios e opções que “se manifestam [...] para o bem comum” (1 Cor 12, 7). Todos temos talentos que devem ser colocados ao serviço do bem comum, como se recordava no Domingo passado. É esta co-responsabilidade que temos de estimular e de viver sempre mais.

O Espírito é um dom oferecido a todos. É único, irrepetível, e a pessoa da Trindade que nos “funde” numa única realidade, num único corpo. Já S. Cirilo de Alexandria dizia: Nós todos, que recebemos o único e mesmo Espírito, quer dizer, o Espírito Santo, fundimo-nos entre nós e com Deus. Porque, embora sejamos numerosos separadamente, e Cristo faça com que o Espírito do Pai e seu habite em cada um de nós, este Espírito único e indivisível reconduz pessoalmente à unidade os que são distintos entre si [...] e faz com que apareçam n’Ele como sendo um só. E assim como o poder da santa humanidade de Cristo faz com que todos aqueles em quem ela se encontra formem um só corpo, penso que, do mesmo modo, o Espírito de Deus, que habita em todos, único e indivisível, os leva todos à unidade espiritual (S. Cirilo de Alexandria, *Commentarius in Iohannem* 11, 11).

Esta unidade não é mera experiência mística. É muito concreta e real. E, se não o é, deve-se ao egoísmo e ao triunfo generalizado do interesse pelo bem individual em detrimento do bem comum.

Toda a Doutrina Social nasce e orienta-se para este grande princípio doutrinal. O mundo, obra de Deus, é para todos e não apenas para alguns. De modo semelhante, a dignidade de vida não é privilégio de alguns mas um direito universal.

Este ano propus-me, nas peregrinações arciprestais e em sintonia com o Programa Pastoral, falar dos princípios da Doutrina Social da Igreja. Quero, por isso, aprofundar um pensamento sobre o destino universal dos bens. Não pretendo deixarvos uma explicação exaustiva deste argumento. A Doutrina da Igreja é muito rica e exige reflexão pessoal e em grupo. Com brevíssimas considerações, gostaria de suscitar em todos o apetite por um conhecimento mais aprofundado.

Também foi sugerido, no Programa Pastoral, que as paróquias e os arciprestados relesem a *Guadium et Spes*, numa altura em que recordamos os 50 anos da sua publicação. Num determinado momento afirma-se que “Deus destinou a terra e tudo o que ela contém para uso de todos os homens e de todos os povos, de sorte que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a regra da justiça, inseparável da caridade” (G.S. 69).

Todas as pessoas, de todos os quadrantes geográficos, necessitam de bens materiais para poder usufruir das condições básicas para uma existência onde as necessidades primárias são devidamente satisfeitas. Isto não quer dizer que “tudo esteja à disposição de cada um ou de todos, nem mesmo que a mesma coisa sirva ou pertença a cada um ou a todos” (Compêndio D.S.I. 173). É sempre necessária uma regulamentação que concilie os direitos individuais com o bem do todo. Só que a formação de riqueza deve ter sempre uma “função social”, isto é, todos devem empenhar-se para que cada pessoa ou povo possua todas as condições para um desenvolvimento integral. Isto faz com que a Igreja reconheça o direito à propriedade privada e recorde sempre que, para além de um interesse pessoal ou familiar, deve existir uma sensibilidade universal.

Existe sempre uma “hipoteca” – palavra de João XXIII – com a qual se serve os mais necessitados. Ao afirmar a verdade do destino universal dos bens, devemos recordar que, perante um mundo onde as desigualdades se acentuam cada vez mais, é urgente criar esta consciência. Não é lícito acumular, muitas vezes explorando os mais débeis, servindo-se de subterfúgios de verdadeira corrupção

e imaginando artimanhas descaradamente orientadas para acentuar essas desigualdades. Existem multidões de mendigos, sem abrigo, sem assistência médica, sem capacidade de pagar a renda. Não os podemos ignorar.

Todos temos verdadeiras responsabilidades sociais. Não bastam as estruturas eclesiais e as respostas autárquicas. Apenas uma consciência nova nos leva a partilhar e a exercitar todas as obras de misericórdia.

Gostaria de convidar ao exercício da esmola, quer a nível individual quer às instituições da Igreja que são uma resposta válida às numerosas formas de pobreza. “O amor pelos pobres é certamente incompreensível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso egoísta das mesmas” (CDSI 185).

A festa do Pentecostes recordou-nos que o Espírito nos une a todos e a todos congrega num único corpo. Não posso sentir-me bem quando ao meu lado existem carências ou misérias. Não será este o tempo favorável para se constituírem equipas socio-caritativas?

Junto da Senhora do Pilar, deposito esta prece. Espero que elas se constituam a nível arceparcial, interparoquial ou paroquial. Ninguém pode sentir a consciência tranquila perante situações de carência. Que a Senhora suscite muitos voluntários e que estes se dirijam a uma formação que a Caritas oferece e que, posteriormente, intervenham na Igreja e no tecido social.

Pedirei, em todas as peregrinações, que os arceparcianos nos sacudam a todos, sacerdotes e leigos, e nos mostrem que a fé manifesta a sua qualidade através das obras quotidianas.

Trabalhar na caridade e pela caridade não é opcional nas comunidades. Se Deus nos criou e nos ofereceu todo o mundo, destinando-o não apenas a alguns mas a todos, imaginemos formas novas de viver a caridade, sejamos criativos e não nos contentemos com tradições.

É grande a responsabilidade da Igreja no momento presente. Será maior a alegria que experimentaremos se transportarmos a doutrina para a existência quotidiana dos cristãos e das comunidades.

No cenáculo, Maria esteve com os Apóstolos. Eram, até àquele momento, homens tímidos e tristes pela ausência de Cristo. O Espírito Santo colocou-os no coração das cidades e dos problemas humanos. Os milagres foram acontecendo.

Que Maria nos conduza a casa com outras disposições. Vamos saborear e agradecer quanto Deus nos dá, mas, também, trabalhar para que todos tenham os bens que lhes pertencem, não por simples caridade, mas por verdadeira justiça.

Evangelizar, hoje, na Arquidiocese

*Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortega
na Vigília de Pentecostes, na cripta da basílica do
Sameiro, em 23 de maio.*

Nesta Vigília de Pentecostes, e neste encontro com os Movimentos que vivem a sua missão eclesial na Arquidiocese, quero sublinhar algumas ideias do Papa Francisco quando, na *Evangelii Gaudium*, fala de “Evangelizadores com Espírito”. Na anemia existencial destes tempos, somos todos, ou devemos ser, Evangelizadores com espírito.

1. A Igreja necessita de evangelizadores que se abram sem medo à acção do Espírito Santo.

Os Movimentos têm carismas particulares que, pela acção do Espírito Santo, são colocados ao serviço da Igreja e do mundo. Os seus membros vivem, por conseguinte, em fidelidade ao Espírito e anseiam atingir a totalidade dos seus potenciais destinatários. São para todo o mundo e, por isso, não faz sentido um certo medo de sair dos seus ambientes de conforto.

O grande pecado dos movimentos consiste em trabalhar para si mesmos e não para a Igreja. Quando não se integram na Igreja perdem a sua razão de existir. A Igreja necessita deles e eles precisam de estar onde a Igreja necessita.

2. Anunciar exige, hoje, que sejamos reveladores das maravilhas de Deus. O pessimismo invadiu os cristãos. Pressionados pelo ambiente de curiosidade sensacionalista, muitas vezes com origem na comunicação social, a mentalidade e linguagem de muitos cristãos são tremendamente pessimistas. As sombras parecem ocultar os raios de esperança luminosa.

Não é isso o que se espera da Igreja. Ela tem um potencial ímpar para desatar os nós da angústia em que tantos se deixam envolver.

Os movimentos, por conseguinte, devem prolongar, à imagem dos seus fundadores, as maravilhas divinas. Estes foram sempre uma pedra no charco e rasgaram horizontes de extrema beleza. Fazer coisas belas, e colocá-las no circuito da vida eclesial e social, é tarefa de particular excelência.

3. O Espírito Santo fez com que todos entendessem as Palavras de Pedro na sua própria língua. Actualizando para a nossa realidade, poderíamos dizer que, hoje, os movimentos fracassam quando adoptam um discurso hermético e auto-referencial.

Quantos diálogos mudos!

O anúncio do Evangelho deve mostrar uma pluralidade de formas. Os carismas dos diversos movimentos são respostas e instrumentos adequados para ir ao encontro de sensibilidades e interpretações da vida diferentes.

Outrora, a tradição vigente consistia em multiplicar as mesmas actividades em todos os lados. Hoje não podemos temer a inovação. Pelo contrário, teremos de descentralizar o discurso, colocar a tónica nos destinatários e tornar o Evangelho mais compreensível. O mundo mudou. Não podemos insistir em pastorais monocórdicas.

4. Esta diversidade de anúncio, incarnando a palavra, não pode ser efectuada com medo ou complexos de inferioridade. “Anunciar a novidade do Evangelho com ousadia, com parusia, em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo em contracorrente”.

Que quererá dizer, hoje, ousadia? Não será o momento de nos confrontarmos com as implicações desta palavra? E fazê-lo em voz alta não exigirá que entremos em areópagos fora do habitual para aproveitar todos os lugares e todos as circunstâncias?

Podemos estar a ser conduzidos, sem nos apercebermos e adaptando-nos à mentalidade corrente. Onde está a fidelidade à Palavra?

5. Apesar do anúncio evangélico necessitar de uma perspicácia humana, não podemos pensar, sem mais, que se trata de uma obra humana. Sem a oração, tudo é vão e o anúncio carece daquela alma que reflecte entusiasmo e encanto.

Teremos de ser mais activos? Não duvido. Mas na ausência da dimensão contemplativa nunca tocaremos o essencial da experiência cristã. Perde-se tempo e cansamo-nos. São batalhas perdidas. Não é o corre-corre que faz muito e, sobretudo, aquilo que é necessário.

Paremos para ouvir o Espírito no silêncio da oração e condimentemos as iniciativas com o sal da interioridade.

6. Todo este percurso sublinhou-nos o uso adequado da palavra humana para manifestar a Palavra com letra grande.

Permitam-me que realce outra dimensão: só uma vida “transfigurada pela presença de Deus” é capaz de anúncio da Boa Nova. O testemunho é apontado sempre como a característica da nova Evangelização.

Não estaremos a necessitar de ser evangelizados para depois evangelizar? Não será a conversão o caminho mais convincente?

O Santo Padre pede-nos evangelizadores com Espírito. Repito algumas características para que esta realidade se faça carne:

- a. Sair de si e dos movimentos para chegar ao mundo;
- b. Dar prioridade ao anúncio das maravilhas e colocar de lado os pessimismos e ambientes de negativismo;
- c. Falar uma linguagem compreensível para os dias de hoje;
- d. Anunciar com ousadia e sempre;
- e. Ir contracorrente é uma certeza;
- f. Dimensão contemplativa da evangelização;
- g. Se só a palavra é usada, só uma vida convertida convence.

Os movimentos precisam de uma nova vitalidade para estar em toda a Arquidiocese. Obrigado pelo vosso empenho. Mas, acreditai que é preciso maior empenho, pensando bem o que fazer para depois realizar mais e melhor.

Atividades pastorais:

maio/2015

D. Jorge

- 01 - Participou em Nespereira numa homenagem póstuma ao P. António Pereira da Silva.
- 03 - Presidiu à celebração da Eucaristia em Moimenta, arceprelado de Terras de Bouro. Presidiu em Barcelos à Procissão da Invenção da Santa Cruz.
- 06 - Reuniu com o Centro Missionário da Arquidiocese. Esteve presente no Hospital de Braga, na abertura do Banco de Sangue.
- 08 - Presidiu à celebração da Eucaristia no Estabelecimento Prisional de Braga. Participou na atribuição dos galardões «A Nossa Terra».

- 09 - Presidiu na cripta do Sameiro à Bênção dos Finalistas da Universidade do Minho. Participou na atribuição dos galardões «A Nossa Terra».
- 11 - Presidiu à celebração da Eucaristia no Hospital de Braga. Recebeu a direção da Academia Egas Moniz, Universidade Sénior.
- 12 - Participou em Fátima numa reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa.
- 13 - Participou em Fátima nas celebrações do dia 13 de maio. Visitou em Montemor-o-Velho a seleção nacional de canoagem.
- 14 - Participou nas comemorações do I centenário da Creche de Braga. Presidiu em Alvarães à Missa exequial pelo P. Manuel Martins de Sá.
- 15 - Assistiu em Vila Nova de Famalicão a uma conferência sobre «Valores numa Sociedade Moderna».
- 16 - Presidiu a uma celebração interparoquial do Crisma na igreja de Santo Adrião, em Braga.
- 17 - Presidiu à celebração da Eucaristia no final das comemorações do Dia Internacional da Família. Presidiu à celebração da Eucaristia com que terminou uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Guia, em Belinho, arceprestado de Esposende.
- 19 - Presidiu à celebração da Eucaristia na Sé.
- 20 - Presidiu a uma reunião do Conselho Presbiteral.
- 21 - Participou em S. Bento da Porta Aberta numa reunião sobre os Caminhos de S. Bento.
- 22 - Participou numa reunião do Conselho Superior da Universidade Católica portuguesa.
- 23 - Participou numa Vigília de Pentecostes, na cripta da Basílica do Sameiro.
- 24 - Presidiu à Missa com que terminou uma peregrinação do arceprestado da Póvoa de Lanhoso ao santuário de Nossa Senhora do Pilar. Presidiu na Sé à celebração da solenidade de Pentecostes.

- 25 - Participou numa reunião dos bispos da Província Eclesiástica de Braga, em Bragança.
- 26 - Participou em Guimarães numa homenagem póstuma a Mons. António de Araújo Costa, no centenário do seu nascimento.
- 27 - Presidiu em Braga a uma reunião do Conselho de Arciprestes.
- 28 - Assistiu, em Barcelos, às comemorações do 138.º aniversário do Comando Distrital da Polícia de Segurança Pública de Braga.
- 29 - Benzeu em Souto, Terras de Bouro, o Centro de Atividades Ocupacionais e em Vieira do Minho, o Centro Social e Paroquial.
- 30 - Presidiu à celebração da Eucaristia na igreja paroquial das Caxinas. Presidiu a uma reunião do Conselho Arquidiocesano da Pastoral.
- 31 - Presidiu à Missa com que terminou uma peregrinação do arciprestado de Amares ao santuário de Nossa Senhora da Abadia.

D. Francisco Senra

- 01 a 05 - Participou numa peregrinação a Roma com 64 membros do Movimento dos Cursillos de Cristandade (MCC) e seu Diretor Espiritual na Arquidiocese de Braga, a fim de participar na audiência com o Papa Francisco e na Ultreia Europeia do MCC.
- 06 - Participou numa reunião do Conselho Episcopal, presidida pelo Sr. Arcebispo Primaz.
- 07 a 11 - Presidiu às Festas do Senhor Santo Cristo realizadas em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, Açores.
- 14 - Continuou as Visitas Pastorais ao Arciprestado de Celorico de Basto, com a preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Infesta.

- 15 - Preparou a Visita Pastoral a Veade.
- 16 - Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de Infesta, com a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Confirmação.
- 17 - Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de Veade, com a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Confirmação. Presidiu à Eucaristia Dominical em Vila do Conde com os diversos grupos laicais da Ordem Terceira de São Francisco, integrados nas Dioceses do Norte de Portugal.
- 19 - Preparou a Visita Pastoral à Paróquia de Fervença. Teve um encontro com os Presbíteros da Arquidiocese ordenados no ano de 2014.
- 20 - Participou numa reunião do Conselho Presbiteral, presidido pelo Sr. Arcebispo Primaz.
- 21 - Preparou a Visita Pastoral à Paróquia de Codeçoso.
- 22 - Continuou a preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Fervença.
- 23 - Participação na Vigília do Pentecostes presidida pelo Sr. Arcebispo Primaz e organizada pelos Movimentos Eclesiais presentes na Arquidiocese. Efetuou a Visita Pastoral a Codeçoso, com a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Confirmação.
- 24 - Efetuou a Visita Pastoral a Fervença, com a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Confirmação. Participou num Congresso da Legião de Maria realizado em Braga. Participou numa Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Schoenstätt, em Soutelo. Presidiu à Missa de Corpo Presente do Padre Paulino, em Vila Cova, Barcelos.
- 26 - Participou numa reunião dos Bispos da Província Eclesiástica de Braga, realizada em Bragança. Participou num painel sobre o papel da família no envelhecimento ativo dos seus idosos, promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Barcelos.

- 27 - Participou numa reunião do Conselho de Arciprestes, presidida pelo Sr. Arcebispo Primaz. Reuniu com a direção do Grupo de Peregrinos, no âmbito do Departamento Arquidiocesano do Laicado e da Família.
- 28 - Preparou a Visita Pastoral à Paróquia de Moreira do Castelo.
- 29 - Preparou a Visita Pastoral à Paróquia de Agilde.
- 30 - Participou numa reunião do Conselho Pastoral, presidida pelo Sr. Arcebispo Primaz. Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de Moreira do Castelo, com a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Confirmação.
- 31 - Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de Agilde, com a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Confirmação.

2. Serviços Centrais

Procissão do Corpo de Deus

Nota da Vigararia Geral

Solenidade do Corpo de Deus

Lembramos, por assertivo, da Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Sacramento da Caridade, o nº 68.

“O relacionamento pessoal que cada fiel estabelece com Jesus, presente na Eucaristia, recondu-lo sempre ao conjunto da comunidade eclesial, alimentando nele a consciência da sua pertença ao Corpo de Cristo. Por isso, além de convidar cada um dos fiéis a encontrar pessoalmente tempo para se demorar na oração, diante do sacramento do altar, sinto o dever de convidar as próprias paróquias e demais grupos eclesiais a promoverem momentos de adoração comunitária. Obviamente, conservam todo o seu valor as formas já existentes de devoção eucarística. Penso, por exemplo, nas procissões eucarísticas, sobretudo a tradicional Procissão da Solenidade do Corpo de Deus...”

Santa Missa e Procissão do Corpo de Deus

A Solenidade do Corpo de Deus, que este ano se celebra no dia 7 de Junho, exprime-se publicamente na Procissão, de longa tradição histórica, que reclama a nossa presença participativa.

A Santa Missa será celebrada na Catedral às 17h00, organizando-se de seguida a Procissão. A saída será às 18h00.

Espera-se a comparência de todos os sacerdotes, que o possam fazer, residentes na área da cidade, diocesanos e religiosos, dos alunos dos Seminários e membros das Congregações e Institutos que, neste ano dos Consagrados, assumirão a dinamização da Santa Missa e da Procissão do Corpo de Deus com o apoio habitual da Catedral e do Arciprestado de Braga.

Dado que se realiza nesse dia, de manhã, a Peregrinação ao Sameiro, este ano as paróquias da Cidade e do Arciprestado de Braga, que lhes for possível comparecerem, devem concentrar-se no Rossio em frente da Sé a partir das 17h30.

O percurso da Procissão, muito mais reduzido, sairá da Catedral, desce a Rua D. Paio Mendes, sobe a Rua

D. Frei Caetano Brandão e contorna a Biblioteca Padre Doutor Lúcio Craveiro da Silva.

No Largo de S. Paulo, onde tudo termina, far-se-á a celebração da Adoração Eucarística.

Cada paróquia trará um estandarte eucarístico ou bandeira do Coração de Jesus e será acompanhada do seu pároco.

A Procissão, com toda a solenidade, integra o Cabido e os estandartes da Sé Catedral; os acólitos com os turíbulos e o incenso caminharão à frente do Pálio.

Deverá associar-se, com fé e piedade, o maior número de fiéis a esta solenidade e Procissão do Corpo de Deus, recordando que a unidade da Igreja se realiza mediante o Sacrifício e a Comunhão do Corpo e Sangue do Senhor e a Eucaristia é escola de Comunhão eclesial.

Comissão Administrativa

*O senhor D. Jorge Ortiga concedeu provisão à
Comissão Administrativa de:*

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSI-
DADES**, Paróquia de São João Baptista de Barqueiros, Arciprestado
de Barcelos e Concelho de Barcelos, constituída por:

Presidente: Sílvia Flora Santos Silva
Secretária: Etelvina Maria Gomes Sampaio
TESOUREIRA: Maria da Glória Gomes Sampaio
Vogais: Armanda Maria Loureiro Figueiredo
Orlanda Maria Carvalho Mendanha
Maria de Fátima Cardoso Araújo
Maria Celestina Azevedo Carvalho
Carla Sofia Gomes Sampaio
Elisabete Maria da Silva Pereira

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Manuel da Rocha

Esta homologação é válida de 10 de março de 2015 até 10 de março de 2016.

Durante este tempo, a referida Comissão deve realizar a revisão de estatutos.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1316 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de maio de 2015.

Decretos de aprovação de estatutos

*O senhor D. Jorge Ortiga promulgou decretos que
aprovam os estatutos de:*

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE VILA NOVA DE SANDE, sito na paróquia de Santa Maria de Vila Nova de Sande, Concelho de Guimarães, Arciprestado de Guimarães e Vizela e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e duas páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o selo branco da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no Processo n.º 1140 / 2015 e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 07 de maio de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO E SENHORA DOS REMÉDIOS, sita na paróquia de São Pedro de Adães, Concelho de Barcelos, Arciprestado de Barcelos e Arquidiocese de Braga.

Constam de cinquenta e seis Artigos, distribuídos por oito capítulos, exarados em vinte e cinco páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o selo branco da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no Processo n.º 2791 / 2014 e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de maio de 2015.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES, sita na paróquia de Santa Maria de Aboím, Concelho de Fafe, Arciprestado de Fafe e Arquidiocese de Braga.

Constam de cinquenta e seis Artigos, distribuídos por oito capítulos, exarados em vinte e quatro páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o selo branco da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no Processo n.º 188 / 2015 e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de maio de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na paróquia de Divino Salvador de Campo, Concelho de Barcelos, Arciprestado de Barcelos e Arquidiocese de Braga.

Constam de cinquenta e seis Artigos, distribuídos por oito capítulos, exarados em vinte e quatro páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o selo branco da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no Processo n.º 4662 / 2013 e na Secção dos Entes Canónicos.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de maio de 2015.

Provisões a Corpos Gerentes

O senhor D. Jorge Ortiga concedeu provisão aos corpos gerentes de:

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO, sita na Paróquia de São Pedro Fins de Gominhães, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Joaquim Martins de Oliveira

Secretários: José Armando Freitas Silva
Manuel Lopes Ferreira

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Domingos Alberto da Silva Freitas
Procurador: Henrique Pereira Martins
Secretário: Gualter da Silva Freitas
Tesoureiro: Domingos da Cunha Barros
Vogais: Fernando Manuel Fernandes Macedo
Abílio Ribeiro Matos
João Paulo Salgado Vides da Silva

CONSELHO FISCAL

Presidente: Domingos Augusto Pereira Martins
Vogais: Artur Amândio de Matos Martins
José Manuel Oliveira Rodrigues

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Valentim Oliveira Gonçalves

Esta homologação é válida de 12 de maio de 2015 até 12 de maio de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n° 1225 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de maio de 2015.

CONFRARIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS,

sita na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Matriz, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Álvaro Fernandes Barros
Secretários: José Adelino Jesus Fernandes
Manuel Ferreira Lima

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Fernando Sousa Batista
Secretário: Manuel Fernando Ribeiro Rodrigues Matos
Tesoureiro: Victor Hugo Castro Carvalho
Vogais: José Gomes Moreira
Francisco Festas Pereira de Sousa
Francisco Ferreira Cruz
Pascoal Alberto Silva Freitas

CONSELHO FISCAL

Presidente: Armando Manuel Fernandes Marques
Vogais: José Eduardo Martins Faria
José Manuel Leite Rodrigues

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e António Brandão Martins Torres

Esta homologação é válida de 16 de fevereiro de 2015 até 16 de fevereiro de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1226 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de maio de 2015.

CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, sita na Paróquia de Santa Eulália de Balasar, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: José da Silva Campos
Secretários: Joaquim Campos Martins Oliveira
José Alberto Nogueira Matias

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: José Manuel Sá Santos
Secretário: Justino Gomes dos Santos
Tesoureiro: José Alves da Costa
Vogais: João Oliveira Santos
Adelino da Costa Cancela

CONSELHO FISCAL

Presidente: Joaquim da Costa Faria
Vogais: José Fernandes Silva
Fecicíssimo da Costa Carvalho

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Manuel Casado Neiva

Esta homologação é válida de 26 de abril de 2015 até 26 de setembro de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1256 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de maio de 2015.

CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL DE ABADIM, sito na Paróquia de São Jorge de Abadim, Arciprestado de Cabeceiras de Basto, Concelho de Cabeceiras de Basto e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: P.e Jorge Agostinho Gomes Esteves
Vice-Presidente: Alexandre Alves Lopes
1ª Secretária: Ana Cristina Gonçalves Rocha
2ª Secretária: Rosa Maria Gonçalves Pires
Tesoureiro: Francisco José Pires Gonçalves

CONSELHO FISCAL

Presidente: Fernando Gonçalves Pereira Mota Leite

Vogais: Manuel Martins Parada
Óscar Manuel Fernandes Barroso

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Daniel Cardoso Pereira

Esta homologação é válida de 01 de março de 2015 até 01 de março de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1152 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 07 de maio de 2015.

Plataforma de emails

A Arquidiocese de Braga assinou um protocolo com a Google para a plataforma de emails. Agora é possível ter um email no gmail, com espaço ilimitado, com o domínio @arquidiocese-braga.pt. Este serviço está disponível para todos os sacerdotes, diáconos, paróquias e instituições ligadas à Arquidiocese.

3. Programa Pastoral

Informações diversas

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima iniciou em 31 de maio uma romagem pela arquidiocese de Braga, tendo estado em cada um dos arciprestados, entre aquele dia e 14 de junho.

No dia 31 foi recebida em Braga junto do Arco da Porta Nova e conduzida para a Sé. Ao fim do dia 01 de junho foi levada para o arciprestado de Vila Verde.

Na Sé houve, no dia 31, Missa e Oração Mariana, com recitação do Terço.

No dia 01 houve Missa, recitação do Terço e serviço de confissões.

O Conselho Arquidiocesano da Pastoral reuniu em 30 de maio para refletir sobre o programa do próximo ano, que terá por tema «Fé anunciada».

Tem como principais objetivos: anunciar a alegria do Evangelho, viver como discípulos missionários, propor a todos uma iniciação cristã exigente e criativa, estudar o decreto «Ad Gentes» sobre a atividade missionária da Igreja, implementar a dinâmica missionária em cada comunidade (paróquia), celebrar o Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

O Dia Internacional da Família foi celebrado em 17 de maio no Auditório Vita. Houve intervenções de José Souto de

Moura, juiz-conselheiro e ex-Procurador Geral da República; João Duque, presidente do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa. D. Jorge Ortiga presidiu à celebração da Eucaristia na capela da Faculdade de Teologia.

Uma vigília de Pentecostes, que reuniu seis centenas de membros dos 34 movimentos eclesiais, associações de fiéis e obras católicas instalados na área da Arquidiocese de Braga, realizou-se em 23 de maio na Cripta do Sameiro.

O arceprelado de Póvoa de Lanhoso promoveu em 24 de maio uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Pilar.

Uma peregrinação do arceprelado de Amares ao santuário de Nossa Senhora da Abadia realizou-se em 31 de maio. O cortejo saiu do mosteiro de Santa Maria de Bouro.

O arceprelado da Póvoa de Varzim e Vila do Conde promoveu em 31 de maio uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Saúde, em Laundos. Saiu da igreja matriz da Póvoa de Varzim e percorreu mais de sete quilómetros. A Missa com que terminou foi presidida pelo Cónego José Paulo Abreu.

As peregrinações daquele arceprelado ao santuário de Nossa Senhora da Saúde principiaram em 1946 e foram sugeridas a Mons. Pires Quesado por Maria da Paz Varzim.

Uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, no arceprelado de Vila Verde, realizou-se em 31 de maio. Teve por lema: «Com Maria – Senhora do Bom Despacho – vivemos a Fé».

O Cortejo saiu da igreja de Santa Maria de Oleiros e presidiu à celebração da Eucaristia o P. António Rodrigues. À tarde realizou-se a segunda edição de «Bailar à Senhora do Bom Despacho», com a participação de diversos grupos folclóricos.

Antes da peregrinação, no dia 29, 170 jovens e adolescentes das paróquias de Oleiros, Cervães, Prado, Soutelo, Turiz, Cabanelas, Parada de Gatim e Escariz fizeram uma «Direta com Maria».

Coros no Sameiro. Nos quatro domingos do mês de maio houve outros tantos encontros de coros na Basílica do Sameiro. Atuaram no total 14 coros.

Agenda para julho

- 04 : Dia Arciprestal do Catequista em Vila do Conde/
Póvoa de Varzim. Encontro de catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso. Convívio de Avaliação do Ano, Cúria Juvenil Nossa Senhora da Anunciação – Braga.
- 05 : Encerramento do Ano Pastoral do Renovamento Carismático Católico. Peregrinação a santuário de Nossa Senhora do Facho, em Oliveira, Barcelos. Romaria de S. Torcato, no arciprestado de Guimarães e Vizela.
- 11 : Romaria de S. Bento da Porta Aberta.
- 12 : Peregrinação a Nossa Sebnhora de Antime, no arciprestado de Fafe. Peregrinação a S. Bento das Peras, em Vizela.
- 18 : Memória do Beato Bartolomeu dos Mártires.
- 18-19 : Peregrinação Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima, a Fátima.
- 19 : Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Carmo da Penha, Guimarães. Peregrinação do arciprestado de Vila Nova de Famalicão ao santuário de Nossa Senhora do Carmo, em Lemenhe.
- 29 : Romaria de Santa Maria Madalena, em Santa Cristina de Longos, arciprestado de Braga.

4. Clero e Seminários

Conselho Presbiteral

Na reunião de 20 de maio o Conselho Presbiteral fez um balanço de cinco anos de trabalho.

Chegou ao fim o mandato do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Braga, um dos órgãos consultivos institucionais de ligação entre os sacerdotes e o Arcebispo Primaz. Na última reunião, esteve em cima da mesa a análise dos cinco anos do mandato. Entre as diversas iniciativas que decorreram do diálogo entre os conselheiros e D. Jorge Ortiga, destacou-se o Fundo Social Diocesano “Partilhar com Esperança”, avançou o secretário do órgão ao *Diário do Minho*.

«Este fundo foi criado fruto de uma discussão entre os membros do Conselho Presbiteral e o Arcebispo», disse o padre Luís Marinho, apontando que se tratou de uma proposta que, ao longo dos tempos, tem vindo a ser «valorizada».

Recorde-se que o Fundo Partilhar com Esperança é um serviço de ação social da Igreja Católica, instituído pela Arquidiocese de Braga, através da Comissão Arquidiocesana para a Pastoral Social e Mobilidade.

À cabeça das prioridades, o Fundo Social da Arquidiocese dá resposta às desesperantes situações em que caem os «novos

desempregados», as «situações de pobreza escondida», os casos de doença crónica ou prolongada, as famílias monoparentais, entre outras fragilidades.

Na mesma reunião, ocorrida no dia 20 de maio, os membros do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Braga avaliaram outros assuntos como as ações em torno da Iniciação Cristã e da Fé cristã como experiência de salvação, este último tema dedicado ao acompanhamento das pessoas portadoras de doenças em confrontação com o recurso a «vias alternativas» ao exoterismo, bruxaria e outras.

Foi analisada a vida dos presbíteros na Arquidiocese de Braga e a oportunidade ou não para a ação de um Vigário Episcopal do Clero, disse o padre Luís Marinho, indicando que foi também dialogado entre os membros o que foi desenvolvido em cada um dos anos pastorais.

Nesta mesma reunião foi apresentada a proposta de plano pastoral que «acabou por ser enriquecida», salientou o sacerdote, agora assistente nacional do Corpo Nacional de Escutas. O próximo plano pastoral designado “Fé anunciada – Ano Missionário” será, de acordo com o mesmo sacerdote, vivido em «união com o Jubileu decretado pelo Papa Francisco».

Aos conselheiros, o Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga, valorizou o caráter de «diálogo» que aquele órgão realiza institucionalmente, apontando que o governo de uma diocese como a de Braga «nunca poderá repousar sobre os ombros de uma pessoa ou de um grupo de alguns mais capacitados». Pediu, por isso, maior colaboração aos membros do conselho em ligação com quem representam naquele órgão diocesano.

Com esta reunião o Conselho Presbiteral cessa funções, desencadeando-se o processo para uma nova composição que obedecerá a eleições a realizar em setembro, para que, em novembro possa assumir o mandato de cinco anos.

Notícias diversas

Mons. Silva Araújo publicou, aumentada, a segunda edição do livro «Raízes».

D. Eurico Dias Nogueira foi particularmente recordado em 19 de maio, primeiro aniversário da sua morte. Houve na Sé uma celebração eucarística a que presidiu o senhor Arcebispo Primaz.

A Câmara Municipal de Braga atribuiu o seu nome à avenida que serve de acesso ao Estádio Municipal.

Nascido em Pampilhosa da Serra, Dornelas do Zêzere, em 06 de março de 1923, foi ordenado sacerdote em 22 de dezembro de 1945. Frequentou em Roma a Universidade Gregoriana entre 1945 e 1948 e posteriormente a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Foi ordenado bispo em Coimbra em 06 de dezembro de 1964. Foi bispo de Vila Cabral (Moçambique) de 1964 a 1972; de Sá da Bandeira (Angola) de 1972 a 1977; arcebispo de Braga, desde 05 de novembro de 1977 a 18 de agosto de 1999. Faleceu em Braga em 19 de maio de 2014.

Mons. António de Araújo Costa foi homenageado postumamente em Guimarães no dia 26 de maio, a propósito do centenário do seu nascimento.

O programa incluiu a celebração da Eucaristia na igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, uma sessão solene, a edição de 50 medalhas comemorativas e a publicação de um livro sobre a vida e obra do homenageado, considerado o precursor da revitalização do centro histórico daquela cidade.

Para 14 de junho está prevista uma romagem ao cemitério da freguesia de Louro, Famalicão, onde repousam os seus restos mortais.

O Cónego Narciso Carneiro Fernandes terminou as funções de diretor do Centro Social Padre David de Oliveira Martins, em Ruílhe, que exerceu durante 35 anos, informou o «Diário do Minho» de 22 de maio.

O P. Manuel Martins de Sá faleceu em 13 de maio com 85 anos de idade. O funeral realizou-se no dia seguinte em Alvarães, Viana do Castelo.

Manuel Martins de Sá nasceu em Alvarães em 21 de fevereiro de 1930. Frequentou os seminários de Braga e foi ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1954.

Iniciou o ministério sacerdotal nas paróquias de Tais, Barroças e Portela, no arciprestado de Monção. Em 1957 assumiu a paróquia de S. Romão do Neiva, Viana do Castelo. Entre 1963 e 2007 foi pároco de S. Pedro de Fragoso, no arciprestado de Barcelos.

O P. Paulino Novais faleceu em 23 de maio, com 82 anos de idade.

O funeral realizou-se no dia seguinte em Vila Cova, arciprestado de Barcelos. Presidiu à Missa exequial o senhor D. Francisco Senra Coelho.

Paulino Novais nasceu em Vila Cova em 29 de junho de 1932.

Ordenado sacerdote em 08 de julho de 1956, iniciou o ministério sacerdotal como pároco de Barqueiros, arciprestado de Barcelos, cargo de que foi dispensado em 2011, por motivos de saúde. Entre os anos de 1987 e 2008 foi também pároco de Rio Tinto, arciprestado de Esposende. Foi ainda capelão de emigrantes na Suíça.

P. António Pereira da Silva. A LOC/MTC (Liga Operária Católica/Movimento de Trabalhadores Cristãos) da Arquidiocese de Braga, em colaboração com a Paróquia de Nespereira (Guimarães), homenageou no dia 1 de Maio, em Nespereira, o Padre António Pereira da Silva, nos 30 anos de partida para a eternidade.

A primeira parte dos trabalhos foi presidida pelo senhor Arcebispo Primaz D. Jorge Ortiga, que incentivou todos os presentes, no Dia do Trabalhador, a seguir o exemplo do Padre António Silva.

Seguiram-se vários testemunhos e a concelebração da eucaristia, presidida pelo Pároco e animada pelo Coro de Nespereira.

O Padre António Pereira da Silva nasceu na freguesia de Viados, Barcelos em 21 de janeiro de 1937 e foi ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1963.

Foi Vigário Paroquial na paróquia de S. Vicente (Braga), Assistente diocesano da JOC (Juventude Operária Católica) entre 1966 e 1979, fundador da Comissão Diocesana de Pastoral Operária, professor, pároco de Nespereira e Gandarela.

Faleceu, em Nespereira, em 23 de dezembro de 1984. com 46 anos.

No final da Concelebração Eucarística foi colocada uma placa e flores no seu túmulo no cemitério de Nespereira, onde sobressai um dos seus pensamentos: «Há tanta coisa a fazer...»

Ir ao encontro dos novos presbíteros. O senhor D. Francisco Senra Coelho encontrou-se com o P. Rui Sousa, em Vila-rinho, arceprelado de Vila Verde, informou o «Diário do Minho» de 26 de maio.

Com o senhor D. Francisco estiveram o Cónego Vítor Novais, reitor do Seminário Conciliar e responsável da equipa de formação permanente do clero, o Arcipreste de Vila Verde e os padres José Pedro Novais, Nuno Jorge Castro e Adão Almeida.

Esta iniciativa teve como objetivo ir ao encontro dos novos presbíteros, dialogar com eles, ouvi-los, refletir em conjunto, trocando impressões sobre a «vida» das suas paróquias.

Uma recolção para o clero realizou-se em 26 de maio no Seminário Conciliar. Principiou como oração de Laudes, seguida de conferência, lectio divina, adoração.

O site “Faz Sentido”, relativo aos Seminários da Arquidiocese de Braga, foi distinguido com um “Communicator Award”, um dos principais prémios internacionais que reconhece grandes ideias em marketing e comunicação.

O “Faz Sentido” foi criado no âmbito da Semana dos Seminários, celebrada em novembro último. Pretende, além de fazer uma “proposta vocacional”, explicar porque “faz sentido” iniciar o caminho em direção a Cristo.

Com um aspeto jovem e atual, os conteúdos do site dividem-se por três grandes áreas: Pré-Seminário, Seminário Menor e Seminário Maior.

5. Religiosos/as

Notícias diversas

O P. João Bezerra celebrou em 10 de maio as Bodas de Ouro Sacerdotais na igreja de Santo Adrião, no arciprestado de Braga.

O Dia do Consagrado celebrou-se na Basílica de S. Bento da Porta Aberta em 09/10 de maio.

A Comunidade Católica Shalom promoveu entre 03 e 10 de maio, na igreja de S. João do Souto, em Braga, o Cerco de Jericó, que consistiu numa semana ininterrupta de adoração ao Santíssimo Sacramento.

Teve por tema «Eu rezo pela minha família e pelas famílias do mundo inteiro».

O Centro Espírito Santo e Missão promoveu em 23 de maio, no antigo Seminário da Silva, uma recolção de Pentecostes. Foram temas de meditação: «O Espírito Santo, Senhor que dá a vida – a presença e a ação do Espírito Santo renova a Igreja e cada um dos fiéis a partir de dentro»; «Renovação da vida no Espírito – os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus».

«Os Leigos nas Famílias Carismáticas» foi o tema de um encontro que a CIRP (Confederação dos Institutos Religiosos) de Braga promoveu em 31 de maio no auditório do Externato Paulo VI.

O programa incluiu um painel de testemunhos de representantes de várias famílias carismáticas: Inaciana, Espiritana, Coração de Maria, Lassalista e Hospitaleira.

6. Património

Notícias diversas

A Confraria de Nossa Senhora do Pilar manifestou-se preocupada com o estado em que se encontram os azulejos que revestem as paredes da capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Pilar, na Póvoa de Lanhoso.

A Confraria de Nossa Senhora da Abadia procedeu em 25 de maio à inauguração da eletrificação do Largo da Abadia.

A Confraria do Bom Jesus do Monte agendou para 26 e 27 de junho uma série de conferências subordinadas ao tema «Vozes e contributos para o Bom Jesus a património mundial».

7. Educação da Fé

Cruzes floridas da missão

A Paróquia de Santa Cristina de Cerzedelo, no arceprelado de Guimarães e Vizela, viveu a festa das Cruzes floridas e a “grande novidade” foi o apoio à ‘Missão Amar(es)’, como resposta ao objetivo da exposição ‘As Cruzes floridas da missão’.

O projeto ‘Missão Amar(es)’, dirigido aos alunos do secundário da Escola de Amares, pretende incentivar ao voluntariado em contexto escolar com um “conjunto de ações de interesse social e comunitário”.

“A Educação para o Voluntariado acaba por ocupar, deste modo, um lugar ímpar na preparação integral dos alunos e ajudá-los a construir uma identidade pautada no bem comum”, explica o professor coordenador deste projeto, Bernardino Silva.

Com o propósito de oferecerem aos alunos a oportunidade de participarem “ativamente na construção de uma sociedade mais coesa e mais solidária”, a ‘Missão Amares’ pretende proporcionar uma experiência de voluntariado internacional em São Tomé e Príncipe.

O pároco de Cerzedelo, o padre José Ferreira Marques, e o provincial dos Missionários do Verbo Divino, o padre António Leite, assinaram, por ocasião da Festa das Cruzes, uma carta que vão enviar ao Papa Francisco num “gesto de partilha e de louvor” com o propósito de “dar continuidade à missão”.

A Festa das Cruzes floridas de Cerzedelo decorreu durante o fim de semana de 2 e 3 de maio, e a manhã de domingo foi preenchida com a celebração da Eucaristia e a procissão do Senhor aos doentes.

Numerosa multidão de fiéis tomou parte na majestosa procissão que este ano percorreu cerca de oito quilómetros para levar a comunhão eucarística a 13 doentes. Todo o percurso da procissão ficou marcado pelos tapetes floridos ou de serrim tingido que envolveram uma grande parte da comunidade na sua elaboração.

Durante a tarde realizou-se a Via Lucis, presidida pelo padre Luís Miguel Rodrigues, que interpelou à “vivência cristã na alegria da Ressurreição”.

A festa foi preparada no sábado com as dezasseis cruzes familiares, de carvalho ou castanho com dois metros de altura e 3,5 centímetros de espessura, enfeitadas com pétalas de flores naturais.

A exposição itinerante ‘As Cruzes floridas da missão’ regressou à igreja românica durante a festa e “integrou” trabalhos dos alunos da Escola Secundária de Amares.

Esta mostra é uma parceria entre a Paróquia de Cerzedelo e os Missionários do Verbo Divino, da autoria da arquiteta Sara Lafuente e do professor Ricardo Cardoso.

Notícias diversas

Um IV Encontro de Coros principiou em 03 de maio no Santuário do Sameiro.

O Centro Intergeracional Sobrietas, novo equipamento social das paróquias de Crespos, Santa Lucrécia e S. Paio de Pousada, no

arciprestado de Braga, promoveu em 01 de maio a «Caminhada das Três Capelas»: de Santa Catarina, em Santa Lucrécia de Algeriz; de Nossa Senhora de Fátima, em Pousada; de Santo Amaro, em Crespos.

Em cada um desses lugares houve uma paragem para reflexão.

As Familiares dos Sacerdotes fizeram em 14 de maio uma peregrinação ao Sameiro.

«É sempre tempo de recomeçar – Lidar com as minhas perdas e/ou provações» foi o tema de um retiro realizado entre 08 e 10 de maio no Centro Espírito Santo e Missão (antigo Seminário da Silva).

Orientado pelo P. José Castro, teve como objetivo aprender a lidar com as vidas interrompidas pela morte inesperada de um ente querido ou da perda de algo muito significativo, e aprender a recomeçar.

8. Apostolado dos Leigos

Notícias diversas

Jovens de Calendário, arceprelado de Vila Nova de Famalicão, promoveram em 2 de maio um concerto-oração na igreja de S. Miguel-o-Anjo.

A Equipa de Catequese Arciprestal da Póvoa de Lanhoso organizou em 2 de maio o IV Encontro de Equipas de Coordenação Paroquial de Catequese e Párocos, desta vez com o objetivo de ajudar a viver mais intensamente o ano dedicado à Vida Consagrada. O programa incluiu visitas aos mosteiros de Roriz e de Singeverga, da Ordem de S. Bento.

Encontro de Coros Escutistas. O Agrupamento 261 do Corpo Nacional de Escutas, de Landim, arceprelado de Vila Nova de Famalicão, promoveu em 1 de maio, na igreja do Mosteiro de Santa Maria de Landim, o Encontro de Coros Escutistas – Cantar a Alma Escutista.

Além do Agrupamento 261 participaram os agrupamentos 618 de Galegos (Barcelos), 366 de Brito (Guimarães) e 399 de Rebordões (Santo Tirso).

Esta iniciativa inceriu-se nas comemorações do 70.º aniversário do Agrupamento 261.

Cento e trinta e dois escuteiros estiveram acampados em 9/10 de maio na Penha, Guimarães.

Organizado pelo Agrupamento 421 – Seminário juntamente com a Junta de Núcleo de Guimarães, do Corpo Nacional de Escutas, o acampamento pretendeu ajudar cada um dos Pioneiros presentes a refletirem sobre a sua vocação.

A celebração da Eucaristia foi presidida pelo Cónego Vítor Novais, Reitor do Seminário Conciliar.

Escuteiros das comunidades paroquiais de Prazins Santa Eufémia, Prazins Santo Tirso e Corvite, do Núcleo de Guimarães e Vizela do Corpo Nacional de Escutas, celebraram em 18 de maio o 91.º aniversário. O programa incluiu a oferta de bens alimentares para ajuda aos mais carenciados.

Uma estratégia das Igrejas foi o tema de uma tertúlia orientada por Adriano Moreira, em 13 de maio, no Centro Pastoral Universitário, numa iniciativa do Fórum Interdisciplinar da Pastoral Universitária de Braga.

O Grupo Peregrinos promoveu em 22/23 de maio a IX edição da noite UPS (Upa ao Sameiro) – uma direta com Deus.

Foi uma peregrinação que teve início com uma celebração da Eucaristia na igreja paroquial de Lomar, às 21h30 da sexta-feira e terminou pelas 8h30 do sábado, na Basílica do Sameiro. Participaram mais de 500 jovens e adultos.

Durante a peregrinação os participantes foram desafiados a refletir sobre o sofrimento dos que, em todo o mundo, são perseguidos por terem a coragem de dizer que são cristãos.

Ao longo da noite houve momentos de oração, testemunhos, teatros, momentos lúdico-didáticos, caminhada.

O Comitium de Braga da Legião de Maria promoveu em 24 de maio, no Auditório Vita, em Braga, um congresso legionário, subordinado ao tema «O trabalho apostólico».

A Legião de Maria é uma associação internacional de fiéis da Igreja Católica formada por leigos que servem de forma voluntária com a finalidade de contribuir para a ação evangelizadora da Igreja, sob a proteção e exemplo de Maria.

O Arciprestado de Barcelos promoveu em 24 de maio um encontro de catequese no santuário da Franqueira, subordinado ao tema «Com Maria, misericordiosos».

O Movimento Apostólico de Schoenstatt promoveu em 24 de maio uma peregrinação ao Santuário da Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, em Soutelo, no arciprestado de Vila Verde.

Aquele santuário foi benzido em 19 de maio de 1991. Os 25 anos de existência são celebrados em 22 de maio de 2016 com uma festa a nível nacional.

9. Pastoral Social

Notícias diversas

O Centro Social e Paroquial de Moimenta, no arciprestado de Terras de Bouro, inaugurou em 02 de maio o Lar de Idosos e o Serviço de Apoio Domiciliário. Representam um investimento de cerca de dois milhões de euros.

O Lar de Idosos Imaculada Conceição tem capacidade para 46 utentes. O Serviço de Apoio Domiciliário tem capacidade para 25 pessoas.

O Centro Social da Paróquia de Souto, no arciprestado de Terras de Bouro, inaugurou em 29 de maio o Centro de Atividades Ocupacionais (CAO).

Instalado no edifício da antiga escola primária, totalmente remodelado, ampliado e adaptado, já está em funcionamento desde o princípio de abril e destina-se a pessoas com deficiência, maiores de 16 anos.

Com capacidade para 25 utentes, neste momento dá apoio a seis pessoas.

O Centro Social e Paroquial de Vieira do Minho foi inaugurado em 29 de maio.

Apoia 77 utentes: 17 idosos no lar, 20 utentes no centro de dia e 40 utentes em apoio domiciliário.

A Santa Casa da Misericórdia de Barcelos iniciou em 05 de maio as comemorações dos 515 anos de existência. Terminaram no dia 31.

Os idosos e o luto. O Museu Pio XII promoveu em 23 de maio um workshop sobre «Os idosos e o luto».

Orientado por Márcia Amorim, versou os temas: como intervir com idosos enlutados; fatores intervenientes na superação do luto; acompanhar para a morte.

10. Memória

P.e José Mota

Têxto do P. Luís Jácome publicado em «O Jornal de Vieira» (JV) de 15 de abril de 2015.

Ao fim do dia de Domingo de Ramos, depois de presidir a duas celebrações eucarísticas, as maiores do ano, na sua residência à Rua Poente, da cidade de Braga, falecia o P.e José da Costa Soares da Mota, como noticiou JV na sua última edição.

Para a História da Igreja e da sociedade civil de Vieira do Minho deixamos mais alguns subsídios e testemunhos chegados à nossa redacção, como memória futura desta perda dum vilaverdense que durante quase três décadas se dedicou totalmente ao concelho de Vieira e que merece ser contado no “*podium* dos vieirenses ilustres”, com ou sem estátua.

Na edição de JV de 17/09/1985, escrevíamos ao fundo da 1ª página de que o P.e Mota foi director, de Março de 1980 a Setembro de 1985, a propósito da sua partida para Estrasburgo: “Perde o arceprelado, as paróquias, a diocese, um dos seus padres mais dinâmicos e solícitos. Ganham os emigrantes com a piedade, o zelo, a dedicação daquele que nos princípios de Outubro deixa Vieira do Minho para se entregar à numerosa Missão Portuguesa de Estrasburgo, capital da C.E.E., com mais de 100 mil lusos”.

Sem coragem para se despedir dos paroquianos, o P.e Mota confiou-me, naquela manhã do último Domingo de Setembro, a difícil missão de o substituir nas Eucaristias e de anunciar que ele já estava a caminho de França. Volvidos 30 anos, recordo a igreja de Cantelães abarrotar de fiéis em lágrimas e soluços, perante a ausência do seu pastor. Depois, a troca de correspondência onde o P.e Mota me dava conta das “lágrimas choradas” e das dificuldades da nova missão de um “coadjutor” dum pároco já idoso, que lhe deu um quarto para dormir e outro para trabalhar, a ter de aprender uma nova língua e a matricular-se na Faculdade de Teologia de Strasbourg para actualização pastoral.

Há 7 anos, em vésperas de completar 80 anos, numa entrevista concedida a JV, o P.e Mota mostrava a sua invejável “boa forma física, boa disposição, espírito jovial” que manteve até à morte que ninguém augurava breve. Ainda na última semana de Novembro, em retiro espiritual em S. Bento da Porta Aberta, acompanhamos o Padre Mota e testemunhamos a mesma força anímica e total dedicação e paixão de servir, regressando todas as noites a Braga para celebrar a Eucaristia na capela das Religiosas de Maria Imaculada e logo voltar a S. Bento.

Na citada entrevista deixava-mos aos leitores de JV alguns traços da obra social, material, espiritual e pastoral realizada em Vieira do Minho, e dignos de um registo biográfico para memória futura e merecedoras de uma maior atenção por parte da comunidade eclesial e sociedade civil.

O P.e Soares da Mota para além de Director do Jornal de Vieira, que durante quase 5 anos foi “quase tudo e único trabalhador do jornal”, como escreveu o P.e Lima em 17/9/85: representante do proprietário (o arceprelado), administrador, chefe de redacção, correspondente de freguesias, editor, expeditor, funcionário de cobranças...”. E mesmo assim, num período crítico, o JV percorreu, com o entusiasmo do saudoso P.e Lima e a colaboração de alguns jovens todas as freguesias do concelho e elevou de 1250 para 2600 o número de assinantes deste jornal; realizou a primeira Festa do

Emigrante e do Jornal de Vieira; realizou o 1º e último Campo de Trabalho Etnográfico em Vieira do Minho; o 1º e último Curso de Jornalismo com frequência e aproveitamento de 20 jovens, promovido pelo Gabinete de Imprensa de Guimarães. Tudo sob a direcção do saudoso P.e José Mota que foi ainda nesses anos, pároco, por várias vezes de Guilhofrei e Mosteiro, com serviço de eucaristias dominicais nos Anjos e em Rossas. Foi pároco de Soengas, dois anos, de Soutelo, 5 anos, Ferreiros e St.º Adrião, embora, os registos curiais tenham ignorado estes serviços pastorais e respectivas nomeações canónicas que nunca existiram.

Antes da “revolução dos cravos” o P.e Mota foi ainda vereador do Executivo Municipal e vice-presidente da Câmara de Vieira nos conturbados tempos do PREC, quando o professor João Costa substituiu o Dr. Alfredo Ramalho na presidência do Município; foi presidente da Direcção da Casa do Povo de Vieira; membro da direcção da Delegação da Cruz Vermelha; provedor da Santa Casa de Misericórdia de Vieira; arcipreste durante 8 anos e membro do Conselho Pastoral Arquidiocesano; professor de Matemática e Físico-Química no Externato de Vieira.

Quatro anos após a nomeação de pároco de Cantelães, em 1960, realizou a 1ª peregrinação arciprestal à Senhora da Fé, ainda pelo caminho velho. Um mês depois, de batina, pá e pica, o P.e Zé Mota com todo o povo de Cantelães, abriu a nova estrada da Senhora da Fé. Mais tarde conclui a construção da Cruz Alta, no monte de Santa Cecília.

Por toda a dedicação e paixão com que amou e serviu Vieira, praticamente em todas as paróquias, os vieirenses jamais poderão saldar a dívida para com este sacerdote.

Mons. Araújo Costa

Testemunho de Mons. José Maria Lima de Carvalho sobre Monsenhor António de Araújo Costa (1915 – 2015), publicado em «O Conquistador».

A memória mais longínqua que tenho de Mons. António de Araújo Costa remonta a data que não consigo precisar do ano de 1948. No dia da O.V.S. (Obras das Vocações e Seminários), jornada paradigmática de ação de Graças e de aferição da sensibilidade de todas as paróquias face a este ponto vital da Igreja, promovido anualmente pela arquidiocese, era particularmente visível a presença de todos os arceprestes.

De facto, eles eram os motores principais do desenvolvimento da Obra inclusive na angariação de esmolas e donativos para a manutenção dos seminários. E foi naquela ocasião que conheci o arcepreste de Guimarães na alegria do reencontro com dois discípulos meus, o José das Neves Machado e o José Arnaldo da Silva Monteiro Fernandes, que haviam sido seus paroquianos de S. Cláudio do Barco e que foram encaminhados pelo agora arcepreste de Guimarães para a vida sacerdotal. Confesso que nunca tinha assistido a uma demonstração de carinho assim entre um sacerdote e dois adolescentes: parecia, de verdade, um quadro de ternura de pai. E não eram eles fruto da sua solicitude de pastor? O primeiro anúncio da fé e as celebrações das diversas etapas da catequese tinham sido vividas em comum. Ficou então bem impresso na minha memória a figura de sacerdote especial, no sorriso contagiante e na forma solene com que sempre se apresentava envolvido numa capa talar.

Uma segunda ocasião aconteceu também em data que me escapa, em meados da década de Cinquenta num encontro na Ínsua, em Ronfe, com os seminaristas do arceprestado de Guimarães.

Arrisquei comparecer também, eu que era de Joane e, portanto, do arceprelado de Vila Nova de Famalicão; quando me apresentei como “intruso”, desde logo fui compensado com manifestações de rara cordialidade.

A fama do senhor arcepreste de Guimarães ia crescendo pelo contacto com os colegas de Guimarães e pela paixão de serviço a causas nobres que ele inculcava aos seminaristas do seu julgado eclesiástico, sobretudo através de A Página (secção dedicado aos seminaristas do concelho de Guimarães) no jornal “O Conquistador” que ele próprio fundou no ano de 1950.

Em setembro de 1959, o meu arcebispo, D. António Bento Martins Júnior, enviou-me para Guimarães, como auxiliar do diretor das Oficinas de S. José, padre Manuel de Freitas Leite; quer pelas conversas com este sobre a atuação do arcepreste, quer sobretudo pelo conhecimento e vivência pessoal que ia crescendo, acontecia, ao mesmo tempo sem dar conta disso, uma relação invulgar de compreensão e amizade. Momento marcante deste vivência deu-se em junho de 1962, quando, em circunstância inesperada, ele me abriu as portas do coração e da sua casa, iniciando-se aqui, uma caminhada que só terminaria em 25 de março de 1988 na sua partida para o Pai.

Na paróquia de Nossa Senhora da Oliveira exerci, desde então, o sacerdócio ministerial sob a orientação de Mons. Araújo Costa, colaborando também como redator do jornal “O Conquistador”. A seu convite, fui nomeado, por D. Francisco Maria da Silva, em maio de 1967 primeiro pároco da recém-criada paróquia de São Dâmaso e em 1978, por subtil influência sua junto do clero do arceprelado e do senhor D. Eurico, Arcebispo Primaz, fui nomeado arcepreste de Guimarães, o primeiro precedido de eleição (voto consultivo). Pouco tempo depois, quando o dom Prior Mons. António de Araújo Costa desenvolvia ação relevante como Vigário Episcopal, ele próprio partilhou comigo a ideia que alentava de transferir para mim o cargo de pároco de Nossa Senhora da Oliveira, o que veio a acontecer em dezembro de 1985. Deste modo, a caminhada a dois tomou sentido de corresponsabilidade no serviço paroquial.

Em 25 de março de 1988, ficaria, de modo especial, para mim o legado importantíssimo a que tenho procurado corresponder, com todas as limitações e características pessoais, como é compreensível e natural, mas sempre também com veneração e prece junto de Deus.

3.

Da Santa Sé

Beleza do matrimónio cristão

A beleza do matrimónio cristão foi o tema da catequese do Papa Francisco na Audiência Geral de 6 de maio.

No nosso caminho de catequese acerca da família, hoje meditaremos directamente sobre a beleza do matrimónio cristão. Não se trata de uma simples cerimónia que se faz na igreja, com flores, o vestido, as fotografias... O matrimónio cristão é um sacramento que tem lugar na Igreja, e que também faz a Igreja, dando início a uma nova comunidade familiar.

É quanto resume o Apóstolo Paulo na sua célebre expressão: «Este mistério é grande; digo-o com referência a Cristo e à Igreja» (Ef 5, 32). Inspirado pelo Espírito Santo, Paulo afirma que o amor entre os cônjuges é imagem do amor entre Cristo e a Igreja. Uma dignidade impensável! Mas na realidade ela está inscrita no desígnio criador de Deus e, com a graça de Cristo, foram inúmeros os casais cristãos que a realizaram, não obstante os seus limites e pecados!

Falando sobre a nova vida em Cristo, são Paulo afirma que os cristãos — todos — são chamados a amar-se como Cristo os

amou, ou seja, a «submeter-se uns aos outros» (Ef 5, 21), que significa pôr-se ao serviço uns dos outros. E aqui ele introduz a analogia entre o casal marido-esposa e Cristo-Igreja. É claro que se trata de uma analogia imperfeita, mas devemos entender o seu sentido espiritual, que é deveras excelso e revolucionário, e ao mesmo tempo simples, ao alcance de cada homem e mulher que confia na graça de Deus.

O marido — diz Paulo — deve amar a esposa «como ao seu próprio corpo» (Ef 5, 28); amá-la como Cristo «amou a Igreja e se entregou por ela» (v. 25). Mas vós maridos, que estais aqui presentes, compreendeis isto? Amar a vossa esposa como Cristo ama a Igreja? Não se trata de uma brincadeira, mas de algo sério! O efeito deste radicalismo da dedicação exigida do homem, para o amor e a dignidade da mulher, segundo o exemplo de Cristo, deve ter sido enorme, na própria comunidade cristã!

Esta semente da novidade evangélica, que restabelece a reciprocidade originária da dedicação e do respeito, amadureceu lentamente na história, mas no fim prevaleceu.

O sacramento do matrimónio é um grande acto de fé e de amor: dá testemunho da coragem de acreditar na beleza do gesto criador de Deus e de viver aquele amor que impele a ir sempre além, além de nós mesmos e da própria família. A vocação cristã para amar de modo incondicional e incomensurável é, com a graça de Cristo, quanto está também na base do livre consenso que constitui o matrimónio.

A própria Igreja é plenamente partícipe na história de cada matrimónio cristão: ela edifica-se com os seus sucessos e padece com os seus fracassos. Mas devemos interrogar-nos com seriedade: nós mesmos aceitamos até ao fundo, como crentes e como pastores, também este vínculo indissolúvel da história de Cristo e da

Igreja com a história do matrimónio e da família humana? Estamos dispostos a assumir seriamente esta responsabilidade, ou seja, que cada matrimónio percorra o caminho do amor que Cristo tem pela Igreja? Isto é grandioso!

Nesta profundidade do mistério da criação, reconhecido e restabelecido na sua pureza, abre-se um segundo grande horizonte que caracteriza o sacramento do matrimónio. A decisão de «desposar no Senhor» contém inclusive uma dimensão missionária, que significa ter no coração a disponibilidade a ser porta-voz da Bênção de Deus e da graça do Senhor para todos. Com efeito, enquanto esposos, os cônjuges cristãos participam na missão da Igreja. É preciso ter coragem para isto! Por isso, quando saúdo os recém-casados, digo: «Eis os intrépidos!», porque é necessário ter coragem para se amar do modo como Cristo ama a Igreja.

A celebração do sacramento não pode excluir esta co-responsabilidade da vida familiar, em relação à grande missão de amor da Igreja. É assim que a vida da Igreja se enriquece todas as vezes com a beleza desta aliança sponsal, do mesmo modo como se depaupera cada vez que ela é desfigurada. Para oferecer a todos os dons da fé, do amor e da esperança, a Igreja precisa também da corajosa fidelidade dos esposos à graça do seu sacramento! O povo de Deus tem necessidade do seu caminho quotidiano na fé, no amor e na esperança, com todas as alegrias e dificuldades que este caminho comporta num matrimónio e numa família.

Assim, a rota é marcada para sempre, trata-se da rota do amor: ama-se como Deus ama, para sempre! Cristo não cessa de cuidar da Igreja: ama-a sempre, preserva-a sempre, como a si mesmo. Cristo não deixa de eliminar o semblante humano as manchas e as rugas de todos os tipos. É comovedora e muito bonita esta irradiação da força e da ternura de Deus, que se transmite de casal para casal, de família para família. São Paulo tem razão: trata-se mesmo

de um «mistério grandioso»! Homens e mulheres, suficientemente intrépidos para levar este tesouro nos «vasos de barro» da nossa humanidade — homens e mulheres tão corajosos! — constituem um recurso essencial para a Igreja e também para o mundo inteiro. Deus os abençoe mil vezes por isto!

Caminho para viver bem na família

Na audiência geral de 13 de maio o Papa Francisco iniciou uma série de reflexões sobre a vida da família.

A catequese de hoje é como a porta de entrada de uma série de reflexões sobre a vida da família, a sua vida real, com os seus tempos e acontecimentos. Sobre esta porta de entrada estão escritas três palavras, que já mencionei várias vezes na praça. Elas são: «com licença», «obrigado», «desculpa». Estas palavras realmente abrem o caminho para viver bem na família, para viver em paz. Trata-se de palavras simples, mas não tão fáceis de pôr em prática! Elas encerram em si uma grande força: o vigor de proteger o lar, até no meio de inúmeras dificuldades e provações; ao contrário, a sua falta gradualmente abre fendas que até o podem fazer ruir.

Em geral, para nós elas são as palavras da «boa educação». Pois bem, uma pessoa bem educada pede licença, diz obrigado ou pede desculpa quando se engana. Mas a boa educação é muito importante! Um grande bispo, São Francisco de Sales, costumava dizer que «a boa educação já é meia santidade». Mas atenção, na história conhecemos também um formalismo das boas maneiras que

pode tornar-se uma máscara que oculta a aridez do espírito e o desinteresse em relação ao próximo. Costuma-se dizer: «Por detrás de tantas boas maneiras escondem-se maus hábitos». Nem sequer a religião está imune deste risco, que leva a observância formal a decair na mundanidade espiritual. O diabo que tenta Jesus ostenta boas maneiras — é mesmo um senhor, um cavalheiro — e até cita as Sagradas Escrituras, parece um teólogo. O seu estilo parece correto, mas tem a intenção de desviar da verdade do amor de Deus. Quanto a nós, entendemos a boa educação nos seus termos autênticos, onde o estilo das boas relações está solidamente arraigado no amor pelo bem e no respeito pelo próximo. A família vive desta delicadeza do bem-querer.

Vejamos: a primeira palavra é «com licença». Quando nos preocupamos em pedir gentilmente até aquilo que talvez julguemos que podemos pretender, construímos um verdadeiro baluarte para o espírito da convivência matrimonial e familiar. Entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. Em síntese, a confidência não autoriza a presumir tudo. E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração. A este propósito, recordemos aquela palavra de Jesus no livro do Apocalipse: «Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei na sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo» (3, 20). Até o Senhor pede licença para entrar! Não o esqueçamos! Antes de fazer algo em família: «Com licença, posso fazer isto? Queres que eu faça assim?». Uma linguagem bem educada, mas cheia de amor. E isto faz bem às famílias.

A segunda palavra é «obrigado». Certas vezes pensamos espontaneamente que estamos a tornar-nos uma civilização malcriada, de palavrões, como se eles fossem um sinal de emancipação. Ouvimo-los com frequência, inclusive publicamente. A gentileza e a capacidade de agradecer são vistas como um sinal de debilidade, e às vezes até

chegam a suscitar desconfiança. Esta tendência deve ser evitada no próprio coração da família. Devemos tornar-nos intransigentes sobre a educação para a gratidão e o reconhecimento: a dignidade da pessoa e a justiça social passam ambas por aqui. Se a vida familiar ignorar este estilo, também a vida social o perderá. Além disso, para o crente a gratidão encontra-se no próprio cerne da fé: o cristão que não sabe agradecer é alguém que se esqueceu da língua de Deus. E isto é feio! Recordemos a pergunta de Jesus, quando curou dez leprosos e só um deles voltou para dar graças (cf. Lc 17, 18). Certa vez ouvi uma pessoa idosa, muito sábia, boa e simples, mas dotada da sabedoria da piedade e da vida, que dizia: «A gratidão é uma planta que só cresce na terra de almas nobres». Esta nobreza de alma, esta graça de Deus na alma impele-nos a dizer obrigado à gratidão. É a flor de uma alma nobre. E isto é bonito!

A terceira palavra é «desculpa». Certamente, é uma palavra difícil, e no entanto é deveras necessária. Quando ela falta, pequenas fendas alargam-se — mesmo sem querer — até se tornar fossos profundos. Não é sem motivo que na prece ensinada por Jesus, o «Pai-Nosso», que resume todas as questões essenciais para a nossa vida, encontramos esta expressão: «Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6, 12). Reconhecer que erramos e desejar restituir o que tiramos — respeito, sinceridade, amor — torna-nos dignos do perdão. É assim que se impede a infecção. Se não soubermos pedir desculpa, quer dizer que também não seremos capazes de perdoar. No lar onde as pessoas não pedem desculpa começa a faltar o ar, e a água estagna-se. Muitas feridas dos afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: «Desculpa». Na vida matrimonial muitas vezes há desacordos... e chegam a «voar pratos», mas dou-vos um conselho: nunca termineis o dia sem fazer as pazes. Ouvi bem: esposa e esposo, brigastes? Filhos e pais, entrastes em forte desacordo? Não está bem, mas o problema não é este. O problema é quando este sentimento persiste inclusive no dia seguinte. Por isso, se brigastes, nunca termineis o

dia sem fazer as pazes em família. E como devo fazer as pazes? Ajoelhar-me? Não! A harmonia familiar restabelece-se só com um pequeno gesto, com uma coisinha. É suficiente uma carícia, sem palavras. Mas nunca permitais que o dia em família termine sem fazer as pazes. Entendestes isto? Não é fácil, mas é preciso agir deste modo. Assim a vida será mais bonita.

Estas três palavras-chave da família são simples, e num primeiro momento talvez nos façam sorrir. Mas quando as esquecemos, deixa de haver motivos para sorrir, não é verdade? Talvez a nossa educação as ignore demais. O Senhor nos ajude a repô-las no lugar que lhes cabe no nosso coração, no nosso lar e na nossa convivência civil.

Os pais e a educação dos filhos

Na Audiência Geral de 20 de maio o Papa Francisco lembrou uma característica essencial da família: a sua vocação natural para educar os filhos a fim de que cresçam na responsabilidade por si mesmos e pelo próximo.

Continuemos a meditar sobre a família. Hoje ponderaremos acerca de uma característica essencial da família, ou seja, a sua vocação natural para educar os filhos a fim de que cresçam na responsabilidade por si mesmos e pelo próximo. O que ouvimos do apóstolo Paulo, no início, é muito bonito: «Filhos, obedeci em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor. Pais, não irriteis os vossos filhos, para que eles não desanimem» (Cl 3, 20-21). Trata-se de uma regra sábia: o filho que é educado a ouvir e a obedecer aos pais, os quais não devem mandar de uma ma-

neira inoportuna, para não desencorajar os filhos. Com efeito, os filhos devem crescer passo a passo, sem desanimar. Se vós, pais, dizeis aos vossos filhos: «Subamos por esta escada» e pegais na sua mão, ajudando-os a subir passo a passo, as coisas correrão bem. Mas se vós dizeis: «Sobe!» — «Mas não consigo» — «Vai!», isto chama-se exasperar os filhos, pedindo-lhes aquilo que eles não são capazes de fazer. Por isso, a relação entre pais e filhos deve ser sábia, profundamente equilibrada. Filhos, obedecei aos vossos pais, porque isto agrada a Deus. E vós, pais, não exaspereis os vossos filhos, pedindo-lhes coisas que eles não conseguem fazer. É preciso agir assim, para que os filhos cresçam na responsabilidade por si mesmos e pelo próximo.

Poderia parecer uma constatação óbvia, e no entanto também na nossa época não faltam problemas. É difícil educar para os pais que se encontram com os filhos só à noite, quando voltam para casa do trabalho cansados. Aqueles que têm a sorte de dispor de um trabalho! É ainda mais difícil para os pais separados, sob o peso desta sua condição: coitados, enfrentaram dificuldades, separaram-se e muitas vezes o filho é tomado como refém; o pai fala-lhe mal da mãe, a mãe fala-lhe mal do pai, e assim ferem-se tanto. Mas aos pais separados digo: nunca tomeis o filhos como refém! Separastes-vos devido a muitas dificuldades e motivos, a vida deu-vos esta provação, mas os filhos não devem carregar o fardo desta separação, que eles não sejam usados como reféns contra o outro cônjuge, mas cresçam ouvindo a mãe falar bem do pai, embora já não estejam juntos, e o pai falar bem da mãe. Para os pais separados, isto é muito importante e deveras difícil, mas podem fazê-lo.

Mas sobretudo uma pergunta: como educar? Que tradição temos hoje para transmitir aos nossos filhos?

Intelectuais «críticos» de todos os tipos silenciaram os pais de mil maneiras, para defender as jovens gerações contra os danos — verdadeiros ou presumíveis — da educação familiar. A família foi acusada, entre outros, de autoritarismo, favoritismo, conformismo e repressão afectiva que gera conflitos.

Com efeito, abriu-se uma ruptura entre família e sociedade, entre família e escola; hoje o pacto educativo interrompeu-se; e assim, a aliança educativa da sociedade com a família entrou em crise, porque foi minada a confiança recíproca. Os sintomas são numerosos. Por exemplo, na escola comprometeram-se as relações entre os pais e os professores. Às vezes existem tensões e desconfiança mútua; e naturalmente as consequências recaem sobre os filhos. Por outro lado, multiplicaram-se os chamados «peritos», que passaram a ocupar o papel dos pais até nos aspetos mais íntimos da educação. Sobre a vida afetiva, a personalidade e o desenvolvimento, sobre os direitos e os deveres, os «peritos» sabem tudo: finalidades, motivações, técnicas. E os pais só devem ouvir, aprender a adaptar-se. Privados da sua função, tornam-se muitas vezes excessivamente apreensivos e possessivos em relação aos seus filhos, a ponto de nunca os corrigir: «Tu não podes corrigir o teu filho!». Tendem a confiá-los cada vez mais aos «peritos», até nos aspetos mais delicados e pessoais da sua vida, pondo-se de parte sozinhos; e assim, hoje, os pais correm o risco de se auto-excluir da vida dos próprios filhos. E isto é gravíssimo! Hoje existem casos deste tipo. Não digo que acontece sempre, mas existem. Na escola, a professora repreende a criança e manda uma nota aos pais. Recordo-me de uma anedota pessoal. Certa vez, quando estava na quarta classe, eu disse uma palavra feia à professora e ela, uma mulher boa, mandou chamar a minha mãe. No dia seguinte ela veio, falaram entre elas e depois chamaram-me. Diante da professora, a minha mãe explicou-me que aquilo que eu tinha feito era feio, algo que não se devia fazer; mas a minha mãe fê-lo com muita delicadeza, dizendo-me que devia pedir desculpa à professora à sua frente. Fi-lo e depois senti-me feliz e disse: a história acabou bem! Mas aquele era o primeiro capítulo! Quando voltei para casa, teve início o segundo... Imaginai hoje, se a professora faz algo assim; no dia seguinte encontra os pais ou um deles a repreendê-la, porque os «peritos» dizem que as crianças não devem ser repreendidas assim... A situação mudou! Portanto, os pais não devem auto-excluir-se da educação dos filhos.

É evidente que esta organização não é boa: não é harmoniosa, nem dialógica, e em vez de favorecer a colaboração entre a família e as demais agências educativas, as escolas, os ginásios... contrapõe-nas.

Como pudemos chegar a este ponto? Não há dúvida de que os pais, ou melhor certos modelos educativos do passado, tinham alguns limites, não há dúvida! Mas também é verdade que alguns erros só os pais são autorizados a fazê-los, porque podem compensá-los de um modo que é impossível a qualquer outra pessoa. Por outro lado, como bem sabemos, a vida tornou-se avara de tempo para falar, meditar, confrontar-se. Muitos pais são «raptados» pelo trabalho — o pai e a mãe devem trabalhar — e por outras preocupações, confusos pelas novas exigências dos filhos e pela complexidade da vida moderna — que é assim, devemos aceitá-la como é — e encontram-se como que paralisados pelo medo de errar. Mas o problema não é só falar. Aliás, um «dialogismo» superficial não leva a um encontro genuíno entre a mente e o coração. Ao contrário, perguntemo-nos: procuramos entender «onde» estão deveras os filhos no seu caminho? Sabemos onde realmente está a sua alma? E sobretudo: queremos sabê-lo? Estamos convictos de que eles, na realidade, não estão à espera de algo mais?

As comunidades cristãs são chamadas a oferecer ajuda à missão educativa das famílias, e fazem-no principalmente à luz da Palavra de Deus. O apóstolo Paulo recorda a reciprocidade dos deveres entre pais e filhos: «Filhos, obedecei em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor. Pais, não irriteis os vossos filhos, para que eles não desanimem» (Cl 3, 20-21). Na base de tudo está o amor, a caridade que Deus nos concede, a qual «não é arrogante, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor... Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (1 Cor 13, 5-7). Até nas melhores famílias é preciso suportar-se uns aos outros, e é necessária tanta paciência para isto! Mas a vida é mesmo assim. A vida não se faz no laboratório, mas na realidade. O próprio Jesus passou através da educação familiar.

Também neste caso, a graça do amor de Cristo cumpre aquilo que está inscrito na natureza humana. Quantos exemplos maravilhosos temos de pais cristãos cheios de sabedoria humana! Eles demonstram que a boa educação familiar é a coluna vertebral do humanismo. A sua propagação social constitui o recurso que permite compensar as lacunas, as feridas, os vazios de paternidade e maternidade que atingem os filhos menos felizardos. Esta irradiação pode fazer autênticos milagres. E na Igreja estes milagres acontecem todos os dias!

Faço votos a fim de que o Senhor conceda às famílias cristãs a fê, a liberdade e a coragem necessários para a sua missão. Se a educação familiar resgatar o orgulho do seu protagonismo, os pais incertos e os filhos decepcionados serão grandemente beneficiados. Chegou a hora de os pais e as mães voltarem do seu exílio — porque se auto-exilaram da educação dos próprios filhos — e recuperarem a sua função educativa. Oremos para que o Senhor conceda aos pais esta graça: a de não se auto-exilarem da educação dos seus filhos. E isto só pode ser feito com amor, ternura e paciência.

Noivado

O noivado foi o tema da catequese do Papa Francisco na Audiência Geral de 27 de maio.

Prosseguindo estas catequeses sobre a família, gostaria de falar hoje do noivado. O noivado — percebe-se pela palavra — relaciona-se com a confiança, a confidência, a fiabilidade. Confidência com a vocação que Deus concede, porque o matrimónio é antes de

tudo a descoberta de uma chamada de Deus. Certamente é positivo que os jovens hoje possam optar por casar com base num amor recíproco. Mas precisamente a liberdade do vínculo exige uma harmonia consciente da decisão, não só um simples entendimento da atração ou do sentimento, de um momento, de um tempo breve... requer um caminho.

Por outras palavras, o noivado é o tempo durante o qual os dois estão chamados a fazer um bom trabalho sobre o amor, um trabalho partícipe e partilhado, que vai em profundidade. Descobrimo-nos a pouco e pouco reciprocamente: ou seja, o homem «aprende» a mulher aprendendo esta mulher, a sua noiva; e a mulher «aprende» o homem aprendendo este homem, o seu noivo.

Não subestimemos a importância desta aprendizagem: é um compromisso bom, e o próprio amor o exige, porque não é apenas uma felicidade despreocupada, uma emoção encantada...

A narração bíblica fala da criação inteira como de um bom trabalho de amor de Deus; o livro do Génesis diz que «Deus viu o que fizera, e era coisa muito boa» (Gn 1, 31). Só no final, Deus «repousou».

Desta imagem compreendemos que o amor de Deus, que deu origem ao mundo, não foi uma decisão extemporânea. Não! Foi um trabalho bom. O amor de Deus criou as condições concretas de uma aliança irrevogável, sólida, destinada a durar.

A aliança de amor entre o homem e a mulher, aliança para a vida, não se improvisa, não se faz de um dia para outro. Não há o matrimónio rápido: é preciso trabalhar sobre o amor, é necessário caminhar.

A aliança do amor do homem e da mulher aprende-se e aperfeiçoa-se. Permite que eu diga que é uma aliança artesanal. Fazer de duas vidas uma só, é quase um milagre, um milagre da liberdade e do coração, confiado à fé.

Talvez devêssemos comprometer-nos mais neste ponto, porque as nossas «coordenadas sentimentais» entraram um pouco em confusão. Quem pretende tudo e imediatamente, depois também cede sobre tudo — e já — na primeira dificuldade (ou na primeira ocasião).

Não há esperança para a confiança e a fidelidade da doação de si, se prevalece o hábito de consumir o amor como uma espécie de «integrador» do bem-estar psicofísico. Não é isto o amor! O noivado focaliza a vontade de preservar juntos algo que nunca deverá ser comprado ou vendido, atraído ou abandonado, por muito aliciadora que seja a oferta.

Mas também Deus, quando fala da aliança com o seu povo, algumas vezes fá-lo em termos de noivado. No Livro de Jeremias, ao falar ao povo que se tinha afastado d'Ele, recorda-lhe quando o povo era a «noiva» de Deus e diz assim: «Lembro-me da tua afeição quando eras jovem, de teu amor de noivado» (2, 2). E Deus fez este percurso de noivado; depois faz também uma promessa: ouvimo-la no início da audiência, no Livro de Oseias: «Então te desposarei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com misericórdia e amor» (2, 21-22). É um longo caminho o que o Senhor faz com o seu povo neste percurso de noivado. No final Deus desposa o seu povo em Jesus Cristo: em Jesus desposa a Igreja. O Povo de Deus é a esposa de Jesus. Mas quanto caminho!

E vós, italianos, na vossa literatura tendes uma obra-prima sobre o noivado [Os Noivos]. É necessário que os jovens a conheçam, que a leiam; é uma obra-prima na qual se narra a história dos noivos que sofreram tanto, percorreram um caminho cheio de tantas dificuldades até chegar, no final, ao matrimónio. Não ponhais de parte esta obra-prima sobre o noivado que a literatura italiana ofereceu precisamente a vós. Ide em frente, lede-a e vereis a beleza, o sofrimento, mas também a fidelidade dos noivos.

A Igreja, na sua sabedoria, conserva a distinção entre ser noivos e ser esposos — não é o mesmo — precisamente em vista da delicadeza e da profundidade desta verificação. Estejamos atentos a

não desprezar com superficialidade este ensinamento sábio, que se nutre também da experiência do amor conjugal felizmente vivido. Os símbolos fortes do corpo possuem as chaves da alma: não podemos tratar os vínculos da carne com superficialidade, sem causar ao espírito alguma ferida perene (1 Cor 6, 15-20).

Sem dúvida, a cultura e a sociedade de hoje tornaram-se bastante indiferentes à delicadeza e à seriedade desta passagem. E por outro lado, não se pode dizer que sejam generosas com os jovens que estão seriamente intencionados a constituir uma família e a ter filhos! Ao contrário, muitas vezes levantam numerosos impedimentos, mentais e práticos.

O noivado é um percurso de vida que deve amadurecer como a fruta, é um caminho de maturação no amor, até ao momento que se torna matrimónio.

Os cursos pré-matrimoniais são uma expressão especial da preparação. E nós vemos tantos casais, que talvez chegam ao curso um pouco contra a vontade, «Mas estes padres obrigam-nos a fazer um curso! Mas porquê? Nós sabemos!»... e vão contra a vontade.

Mas depois ficam contentes e agradecem, porque, com efeito, encontraram ali a ocasião — muitas vezes única — para refletir sobre a sua experiência em termos não banais.

Sim, muitos casais estão juntos muito tempo, talvez até na intimidade, por vezes convivendo, mas não se conhecem de verdade. Parece estranho, mas a experiência demonstra que é assim.

Por isso deve ser reavaliado o noivado como tempo de conhecimento recíproco e de partilha de um projeto. O caminho de preparação para o matrimónio deve ser organizado nesta perspetiva, servindo-se também do testemunho simples mas intenso de casais cristãos. E apostando também aqui no essencial: a Bíblia, que deve ser redescoberta juntos, de modo consciente; a oração, na sua dimensão litúrgica, mas também na «oração doméstica», vivida em família, nos sacramentos, na vida sacramental — a Confissão...

na qual o Senhor vem habitar nos noivos e os prepara para se acolherem deveras um ao outro «com a graça de Cristo»; e a fraternidade com os pobres, com os necessitados, que nos chamam à sobriedade e à partilha.

Os noivos que se comprometem nisto crescem ambos e tudo isto leva a preparar uma boa celebração do Matrimónio de maneira diversa, não mundana mas cristã!

Pensemos nestas palavras de Deus que ouvimos quando Ele fala ao seu povo como o noivo à noiva: «Então te desposarei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com misericórdia e amor. Desposar-te-ei com fidelidade e tu conhecerás o Senhor» (Os 2, 21-22).

Cada casal de noivos pense nisto e diga um ao outro: «Desposar-te-ei com fidelidade». Esperar aquele momento; é um momento, um percurso que vai em frente lentamente, mas é um percurso de maturação. As etapas do caminho não devem ser queimadas. A maturação faz-se assim, passo a passo.

O tempo do noivado pode tornar-se deveras um tempo de iniciação, no quê? Na surpresa! Na surpresa dos dons espirituais com os quais o Senhor, através da Igreja, enriquece o horizonte da nova família que se predispõe para viver na sua bênção.

Agora convido-vos a rezar à Sagrada Família de Nazaré: Jesus, José e Maria. Rezai para que a família percorra este caminho de preparação; rezai pelos noivos.

Peçamos a Nossa Senhora todos juntos uma Ave-Maria por todos os noivos, para que possam compreender a beleza deste caminho rumo ao Matrimónio. Ave Maria....

E aos noivos que estão aqui na praça: «Bom percurso de noivado!».

Mensagem para o Dia das Missões

Mensagem do Papa Francisco para o próximo Dia Mundial das Missões.

Neste ano de 2015, o Dia Mundial das Missões tem como pano de fundo o Ano da Vida Consagrada, que serve de estímulo para a sua oração e reflexão. Na verdade, entre a vida consagrada e a missão subsiste uma forte ligação, porque, se todo o baptizado é chamado a dar testemunho do Senhor Jesus, anunciando a fé que recebeu em dom, isto vale de modo particular para a pessoa consagrada. O seguimento de Jesus, que motivou a aparição da vida consagrada na Igreja, é reposta à chamada para se tomar a cruz e segui-Lo, imitar a sua dedicação ao Pai e os seus gestos de serviço e amor, perder a vida a fim de a reencontrar. E, dado que toda a vida de Cristo tem carácter missionário, os homens e mulheres que O seguem mais de perto assumem plenamente este mesmo carácter.

A dimensão missionária, que pertence à própria natureza da Igreja, é intrínseca também a cada forma de vida consagrada, e não pode ser transcurada sem deixar um vazio que desfigura o carisma. A missão não é proselitismo, nem mera estratégia; a missão faz parte da «gramática» da fé, é algo de imprescindível para quem se coloca à escuta da voz do Espírito, que sussurra «vem» e «vai». Quem segue Cristo não pode deixar de tornar-se missionário, e sabe que Jesus «caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 266).

A missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas. Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que

nos dignifica e sustenta e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira; e, precisamente deste modo, sentimos também que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado (cf. *Ibid.*, 268) e de todos aqueles que O procuram de coração sincero. Na ordem de Jesus – «Ide» –, estão contidos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja. Nesta, todos são chamados a anunciar o Evangelho pelo testemunho da vida; e, de forma especial aos consagrados, é pedido para ouvirem a voz do Espírito que os chama a partir para as grandes periferias da missão, entre os povos onde ainda não chegou o Evangelho.

O cinquentenário do Decreto conciliar *Ad gentes* convida-nos a reler e meditar este documento que suscitou um forte impulso missionário nos Institutos de Vida Consagrada. Nas comunidades contemplativas, recobrou luz e eloquência a figura de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões, como inspiradora da íntima ligação que há entre a vida contemplativa e a missão. Para muitas congregações religiosas de vida activa, a ânsia missionária surgida do Concílio Vaticano II concretizou-se numa extraordinária abertura à missão *ad gentes*, muitas vezes acompanhada pelo acolhimento de irmãos e irmãs provenientes das terras e culturas encontradas na evangelização, de modo que hoje pode-se falar de uma generalizada interculturalidade na vida consagrada. Por isso mesmo, é urgente repropor o ideal da missão com o seu centro em Jesus Cristo e a sua exigência na doação total de si mesmo ao anúncio do Evangelho. Nisto não se pode transigir: quem acolhe, pela graça de Deus, a missão, é chamado a viver de missão. Para tais pessoas, o anúncio de Cristo, nas múltiplas periferias do mundo, torna-se o modo de viver o seguimento d'Ele e a recompensa de tantas canseiras e privações. Qualquer tendência a desviar desta vocação, mesmo se corroborada por nobres motivações relacionadas com tantas necessidades pastorais, eclesiais e humanitárias, não está de acordo com a chamada pessoal do Senhor ao serviço do Evangelho. Nos Institutos

Missionários, os formadores são chamados tanto a apontar, clara e honestamente, esta perspectiva de vida e ação, como a discernir com autoridade autênticas vocações missionárias. Dirijo-me sobretudo aos jovens, que ainda são capazes de testemunhos corajosos e de empreendimentos generosos e às vezes contracorrente: não deixeis que vos roubem o sonho duma verdadeira missão, dum seguimento de Jesus que implique o dom total de si mesmo. No segredo da vossa consciência, interrogai-vos sobre a razão pela qual escolhestes a vida religiosa missionária e calculai a disponibilidade que tendes para a aceitar por aquilo que é: um dom de amor ao serviço do anúncio do Evangelho, nunca vos esquecendo de que o anúncio do Evangelho, antes de ser uma necessidade para quantos que não o conhecem, é uma carência para quem ama o Mestre.

Hoje, a missão enfrenta o desafio de respeitar a necessidade que todos os povos têm de recomeçar das próprias raízes e salvaguardar os valores das respectivas culturas. Trata-se de conhecer e respeitar outras tradições e sistemas filosóficos e reconhecer a cada povo e cultura o direito de fazer-se ajudar pela própria tradição na compreensão do mistério de Deus e no acolhimento do Evangelho de Jesus, que é luz para as culturas e força transformadora das mesmas.

Dentro desta dinâmica complexa, ponhamo-nos a questão: «Quem são os destinatários privilegiados do anúncio evangélico?» A resposta é clara; encontramos-la no próprio Evangelho: os pobres, os humildes e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não te podem retribuir (cf. Lc 14, 13-14). Uma evangelização dirigida preferencialmente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer: «existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 48). Isto deve ser claro especialmente para as pessoas que abraçam a vida consagrada missionária: com o voto de pobreza, escolhem seguir Cristo nesta sua preferência, não ideologicamente, mas identificando-se como Ele com os pobres, vivendo como eles na precariedade da vida diária e na renúncia ao exercício de qualquer poder para se tornar irmãos e irmãs dos

últimos, levando-lhes o testemunho da alegria do Evangelho e a expressão da caridade de Deus.

Para viver o testemunho cristão e os sinais do amor do Pai entre os humildes e os pobres, os consagrados são chamados a promover, no serviço da missão, a presença dos fiéis leigos. Como já afirmava o Concílio Ecuménico Vaticano II, «os leigos colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica, ao mesmo tempo como testemunhas e como instrumentos vivos» (Ad gentes, 41). É necessário que os consagrados missionários se abram, cada vez mais corajosamente, àqueles que estão dispostos a cooperar com eles, mesmo durante um tempo limitado numa experiência ao vivo. São irmãos e irmãs que desejam partilhar a vocação missionária inscrita no Baptismo. As casas e as estruturas das missões são lugares naturais para o seu acolhimento e apoio humano, espiritual e apostólico.

As Instituições e as Obras Missionárias da Igreja estão postas totalmente ao serviço daqueles que não conhecem o Evangelho de Jesus. Para realizar eficazmente este objectivo, aquelas precisam dos carismas e do compromisso missionário dos consagrados, mas também os consagrados precisam duma estrutura de serviço, expressão da solicitude do Bispo de Roma para garantir de tal modo a koinonia que a colaboração e a sinergia façam parte integrante do testemunho missionário. Jesus colocou a unidade dos discípulos como condição para que o mundo creia (cf. Jo 17, 21). A referida convergência não equivale a uma submissão jurídico-organizativa a organismos institucionais, nem a uma mortificação da fantasia do Espírito que suscita a diversidade, mas significa conferir maior eficácia à mensagem evangélica e promover aquela unidade de intentos que é fruto também do Espírito.

A Obra Missionária do Sucessor de Pedro tem um horizonte apostólico universal. Por isso, tem necessidade também dos inúmeros carismas da vida consagrada, para dirigir-se ao vasto horizonte da evangelização e ser capaz de assegurar uma presença adequada nas fronteiras e nos territórios alcançados.

Queridos irmãos e irmãs, a paixão do missionário é o Evangelho. São Paulo podia afirmar: «Ai de mim, se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). O Evangelho é fonte de alegria, liberdade e salvação para cada homem. Ciente deste dom, a Igreja não se cansa de anunciar, incessantemente, a todos «O que existia desde o princípio, O que ouvimos, O que vimos com os nossos olhos» (1 Jo 1, 1). A missão dos servidores da Palavra – bispos, sacerdotes, religiosos e leigos – é colocar a todos, sem excluir ninguém, em relação pessoal com Cristo. No campo imenso da actividade missionária da Igreja, cada baptizado é chamado a viver o melhor possível o seu compromisso, segundo a sua situação pessoal. Uma resposta generosa a esta vocação universal pode ser oferecida pelos consagrados e consagradas através duma vida intensa de oração e união com o Senhor e com o seu sacrifício redentor.

Ao mesmo tempo que confio a Maria, Mãe da Igreja e modelo de missionariedade, todos aqueles que, ad gentes ou no próprio território, em todos os estados de vida, cooperam no anúncio do Evangelho, de coração concedo a cada um a Bênção Apostólica.

Vaticano, 24 de Maio – Solenidade de Pentecostes – de 2015.

FRANCISCO

Calendário do Jubileu da Misericórdia

A programação e o logotipo do Jubileu extraordinário da misericórdia foram apresentados em 5 de maio aos jornalistas, em conferência de imprensa na Sala de Imprensa da Santa Sé.

Os pormenores foram expostos pelo Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, Dom Rino Fisichella – responsável pela organização do evento.

De acordo com o Arcebispo, a ideia do Jubileu nasceu em 29 de agosto do ano, quando Francisco lhe manifestou o desejo de convocá-lo. “Conseguimos manter um segredo pontifício”, declarou satisfeito, pois o anúncio “da surpresa” foi feito somente no dia 14 de março deste ano.

Dom Fisichella recordou que o Jubileu da Misericórdia “não é e não deseja ser o Grande Jubileu do Ano 2000. Qualquer comparação, portanto, não tem sentido, porque cada Ano Santo tem as suas peculiaridades e as próprias finalidades”. Trata-se, sobretudo de um Jubileu temático, que assenta fortemente no conteúdo central da fé e pretende recordar à Igreja a sua missão prioritária de ser sinal e testemunho da misericórdia em todos os aspectos da sua vida pastoral.

O Arcebispo explicou que o Papa deseja que este Jubileu não seja vivido somente em Roma, mas também nas Igrejas locais. Pela primeira vez na história dos Jubileus, é oferecida a possibilidade de abrir a Porta Santa – Porta da Misericórdia – nas próprias dioceses, particularmente na Catedral ou numa igreja especialmente significativa ou num Santuário nomeadamente importante para os peregrinos.

Logotipo

Dom Fisichella apresentou também o logotipo do Jubileu, que representa uma “suma teológica” da misericórdia e do lema que o acompanha. No lema, tirado de Lc 6,36, Misericordiosos como o Pai, propõe-se viver a misericórdia seguindo o exemplo do Pai, que pede para não julgar e não condenar, mas perdoar e dar amor e perdão sem medida (cf. Lc 6,37-38). O logotipo é obra do padre jesuíta M. I. Rupnik. A imagem mostra o Filho que carrega aos seus ombros o homem perdido.

“O desenho é feito de tal forma que realça o Bom Pastor que toca profundamente a carne do homem e o faz com tal amor capaz de lhe mudar a vida. Além disso, um detalhe não é esquecido: o Bom Pastor com extrema misericórdia carrega sobre si a humanidade, mas os seus olhos confundem-se com os do homem.”

A cena é colocada dentro da amêndoa, também esta é uma figura cara da iconografia antiga e medieval que recorda a presença das duas naturezas, divina e humana, em Cristo. As três ovas concêntricas, de cor progressivamente mais clara para o exterior, sugerem o movimento de Cristo que conduz o homem para fora da noite do pecado e da morte. Por outro lado, a profundidade da cor mais escura também sugere o mistério do amor do Pai que tudo perdoa.

Calendário

Dom Fisichella apresentou ainda o calendário das celebrações, que têm início oficialmente em 8 de dezembro deste ano. “Quisemos que o primeiro evento fosse dedicado a todos aqueles que trabalham na peregrinação, de 19 a 21 de janeiro de 2016. É um sinal que pretendemos dar para deixar claro que o Ano Santo é uma verdadeira peregrinação e deve ser vivida como tal. Pediremos aos peregrinos para fazer um percurso a pé, preparando-se assim para atravessar a Porta Santa com o espírito de fé e de devoção.”

No dia 3 de abril haverá uma celebração destinada a todas as pessoas que se revêm na espiritualidade da misericórdia (movimentos, associações, institutos religiosos). Todas as pessoas do voluntariado caritativo, por sua vez, serão convocadas no dia 4 de setembro. A esfera da espiritualidade mariana terá o seu dia em 9 de outubro para celebrar a Mãe da Misericórdia.

Não faltam eventos dedicados especificamente aos adolescentes crismados: 24 de abril. E os jovens do mundo inteiro são convocados em Cracóvia para a Jornada Mundial da Juventude de 26 a 31 julho.

Outro evento será destinado aos diáconos que por vocação e ministério são chamados a presidir à caridade na vida da comunidade cristã. Para eles haverá o Jubileu a 29 de maio. No 160º aniversário da Festa do Sagrado Coração de Jesus, a 3 de junho, celebrar-se-á o Jubileu dos Sacerdotes. Em 25 de setembro será o Jubileu dos catequistas e das catequistas. Em 12 de junho, haverá o encontro dirigido a todos os doentes, às pessoas com deficiência e àqueles que com amor e dedicação cuidam deles. Em 6 de novembro será celebrado o Jubileu dos presos – um evento inédito. Espera-se que não seja realizado somente nas prisões, mas está sendo estudada a possibilidade para que alguns prisioneiros possam ter a oportunidade de celebrar com o Papa Francisco, em São Pedro, o seu próprio Ano Santo.

Outra novidade será o “missionário da misericórdia” – um sacerdote que seja nas paróquias e dioceses a extensão do Papa Francisco. O “missionário” – cujo envio será feito pelo Papa na Quarta-feira de Cinzas – deverá três características: paciente, bom pregador e bom confessor. A modalidade de escolha dos sacerdotes, que poderão ser também bispos eméritos, ainda está sendo estudada.

Site

O website oficial do Jubileu já foi publicado: www.iubilaeum-misericordiae.va, acessível em www.im.va. O website está disponível em sete línguas: italiano, inglês, espanhol, português, francês, alemão e polonês.

No website podem-se encontrar as informações oficiais acerca do calendário dos principais eventos públicos, as indicações para a participação nos eventos com o Santo Padre e todas as outras comunicações oficiais relativas ao Jubileu.

As redes sociais também serão utilizadas para promover o evento, e um aplicativo especial está sendo estudado. Haverá também subsídios divididos em cinco livros, com textos pertinentes à misericórdia.

Segurança

Na próxima semana, haverá a primeira reunião bilateral entre representantes da Santa Sé e autoridades italianas. Na pauta, entre outros temas, a questão da segurança.

“Acreditamos que o tema da Misericórdia com a qual o Papa Francisco colocou a Igreja no caminho jubilar possa ser um momento de verdadeira graça para todos os cristãos e um despertar para continuar no percurso da nova evangelização e conversão pastoral que o Papa nos indicou”, finalizou Dom Rino Fisichella.

3 – Programa Pastoral	
Informações diversas.....	735
Agenda para julho.....	737
4 – Clero e Seminários	
Conselho Presbiteral.....	738
Notícias diversas	740
5 – Religiosos/as	
Notícias diversas.....	744
6 – Património	
Notícias diversas.....	746
7 – Educação da Fé	
Cruzes floridas da missão	747
Notícias diversas.....	748
8 – Apostolado dos Leigos	
Notícias diversas.....	750
9 – Pastoral Social	
Notícias diversas.....	753
10 – Memória	
P. José Mota	755
Mons. Araújo Costa	758

3. DA SANTA SÉ

Beleza do matrimónio cristão	763
Caminho para viver bem na família	766
Os pais e a educação dos filhos.....	769
Noivado.....	773
Mensagem para o Dia das Missões	778
Calendário do Jubileu da Misericórdia	782

